



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

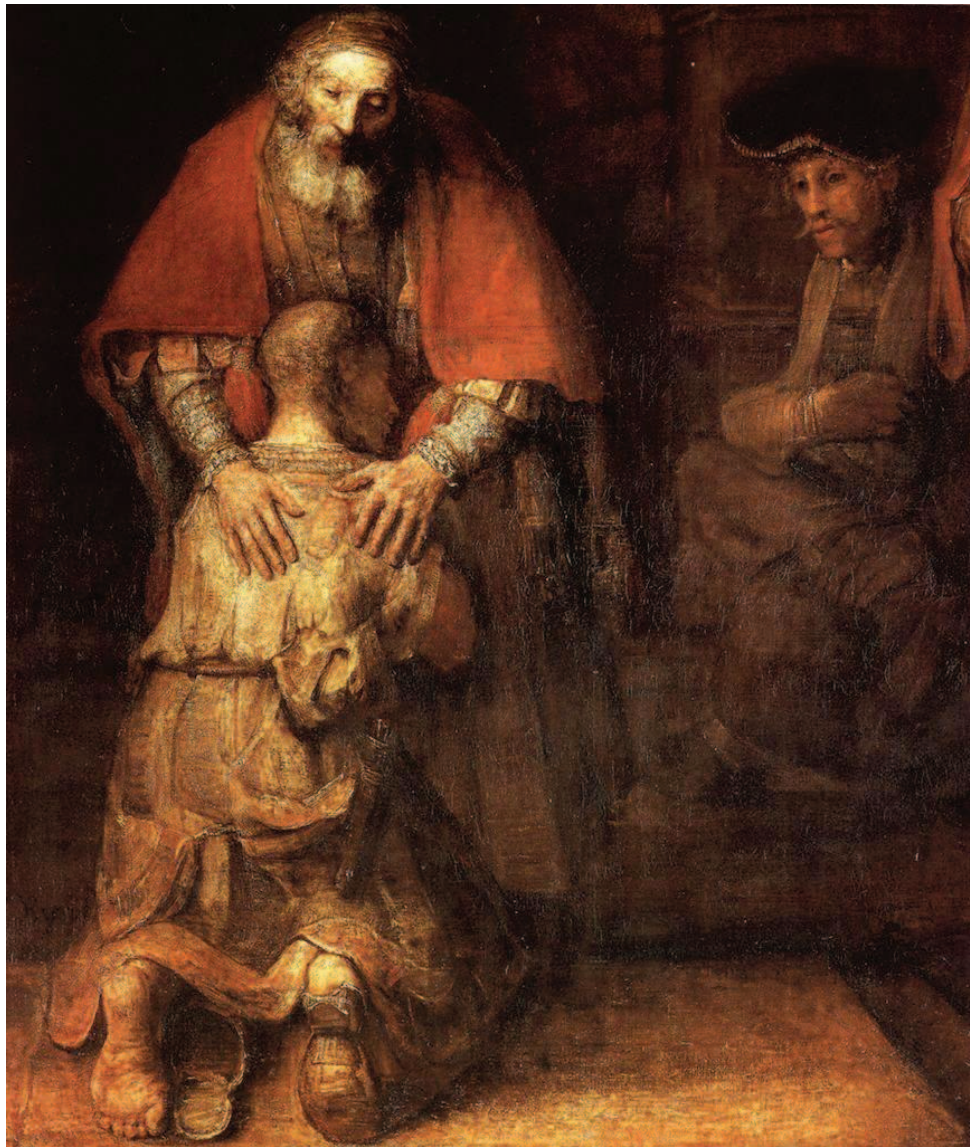
**LUÍS ARMANDO BARROSO MARTINS**

**A misericórdia que gera vida:  
Uma leitura de Lc 15,11-32**

Dissertação final  
sob orientação de:  
Professor Doutor João Alberto Sousa Correia

**Braga**  
**2017**





*Figura 1 - Rembrandt - O retorno do filho pródigo (1669)*

## Resumo

A parábola do “pai misericordioso” (Lc 15,11-32), o coração do terceiro Evangelho, diz-nos muito acerca de Jesus, da Sua mensagem e dos seus interlocutores. O texto transporta consigo uma história única e irrepetível, com uma originalidade que fala por si. Antes de tirar conclusões, importa perceber o seu *sitz-im-leben*, de modo a compreender a sua origem e mensagem central.

A análise e os aspetos sócio religiosos do texto, enquadrado na globalidade do Evangelho de Lucas, constituem as premissas para a focalização das suas personagens, nas motivações, nos traços e nas atitudes que as caracterizam.

A misericórdia é o principal filamento que atravessa este texto, ainda que apenas se encontre nas ações da personagem principal, o pai. Além disso, é a característica principal de quem contou a parábola, Jesus. Os dois filhos tipificam os seus interlocutores: fariseus e doutores da Lei (filho mais velho); pecadores e publicanos (filho mais novo).

No entanto, a parábola não se restringe ao exercício da misericórdia, mas tem em vista a salvação, preconizada no banquete final.

**Palavras-chave:** compaixão/misericórdia, pai, filho, perdido/encontrado, liberdade, pecado, amor e perdão.

## Abstract

The parable of the “merciful father” (Luke 15:11-32), being the core of the third gospel, tells us a great deal about Jesus, His message and interlocutors. The text contains a unique and unrepeatable story with remarkable originality. Before drawing any conclusions, it is important to understand the *sitz-im-leben* of the text in order to comprehend its origin and central message.

The text analysis and the social and religious aspects therein are taken in relation with the whole of the gospel of Luke, as the premises for focusing the characters in their respective motivations, features and distinctive behavior.

Mercy is the main thread running through this text, despite being present only in the actions of the main character, the father. Moreover, mercy is the chief characteristic of the man telling the parable, Jesus. The two sons typify His interlocutors: the Pharisees and the Doctors of the Law (typified by the older son) and the sinners and the publicans (typified by the younger son).

Nevertheless, the parable is not restricted to the exercise of mercy, instead it points to salvation, as announced in the final banquet.

**Palavras-chave:** compassion/mercy, father, son, lost/found, freedom, sin, love and forgiveness.

## Abreviaturas

### Antigo Testamento:

**Gn** Gênesis

**Lv** Levítico

**Nm** Números

**Dt** Deuteronómio

**Sl** Salmos

**Is** Isaías

**Ez** Ezequiel

### Novo Testamento:

**Mt** Mateus

**Mc** Marcos

**Lc** Lucas

**Jo** João

**Rm** Romanos

**1 Cor** 1.ª Coríntios

**Gl** Gálatas

**1 Jo** 1.ª João

### Outras:

**a. C.** antes de Cristo

**d. C.** depois de Cristo

**v.** versículo

**p.** página

**pp.** páginas

## Introdução

*«Quem acha que a misericórdia é fácil é porque nunca a viveu e nunca a experimentou. A misericórdia é das coisas mais exigentes e comprometedoras. Mas não há vida sem misericórdia»<sup>1</sup>.*

O presente trabalho de investigação, tendo em vista a conclusão do Mestrado Integrado em Teologia (MIT), consistirá numa análise literária e teológica de Lc 15, 11-32, a comumente designada “parábola do filho pródigo”. Entre outros objetivos, pretendemos mostrar as semelhanças entre o pai da parábola e o próprio Jesus, no Seu modo de agir e viver; entre os dois filhos e os principais interlocutores de Jesus: fariseus e doutores da Lei (filho mais velho); pecadores e publicanos (filho mais novo). Da liberdade mal-entendida do filho mais novo à fidelidade mal interpretada do filho mais velho, segue-se a misericórdia por inteiro assumida do pai em relação a um e a outro, em dois encontros que, na superação da justiça, refazem a vida dos filhos.

Começando por uma viagem ao contexto social e religioso da época em que a parábola foi contada e tendo em vista uma melhor compreensão da parábola, no primeiro capítulo focaremos os seguintes aspetos: a vivência da religiosidade, no social; os fariseus e os publicanos; e, por fim, a importância que a família assumia na cultura judaica e a forma como normalmente eram repartidas as heranças.

No segundo capítulo, partindo do texto na sua versão original, faremos a análise textual de algumas palavras mais significativas e apontaremos alguns aspetos teológicos a ter em consideração, tendo em conta a abrangência das palavras analisadas. Com o intuito do enquadramento literário, apresentaremos a estrutura do Evangelho de Lucas e faremos um percurso que vai da totalidade do Evangelho, de forma genérica, até ao seu coração: a parábola

---

<sup>1</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, p. 60.

do “pai misericordioso”, como preferimos designá-la. Apresentaremos ainda a estrutura desta parábola, mostrando as marcas que o seu autor nela deixou.

Por fim, no terceiro capítulo, focando-nos essencialmente no texto da parábola, abordamos as principais atitudes de cada um dos filhos. Ainda que aparentemente o filho mais velho presume não ter falhas, a verdade é que a sua fidelidade cega mal interpretada, em confronto com o acolhimento lúcido e bem-intencionado do pai, despertou nele um ressentimento, tendo em conta que este seu irmão dissipara a herança do pai numa vida libertina. O filho mais velho não admite que o mais novo seja acolhido daquela forma, pois no mínimo teria de passar por um “mau bocado” punitivo. Segundo ele, o pai estava a ser injusto, ao assumir uma atitude que, em seu entender, não era compaginável com o comportamento desregrado do filho mais novo.

A lógica do pai, porém, é outra. Para ele, a justiça é misericórdia, já que, na intenção do autor, personifica o próprio Deus e o seu acolhimento é ícone do de Jesus Cristo. Em vez de procurar a divisão, busca a comunhão e, por isso, vai ao encontro dos dois filhos, tanto do “perdido”, que o matara da sua vida e tinha fugido da casa paterna, como do “fiel”, que se considerava um escravo e olhava o pai como um senhor. Por último, numa breve apresentação da hospitalidade e dos banquetes, em Lucas, olhamos o banquete referido no texto em estudo como uma tipificação do banquete celeste para onde a misericórdia de Deus nos conduz.

---

**I CAPÍTULO**  
**CONTEXTO SÓCIO RELIGIOSO**

---

# I. Contexto Sócio Religioso

Antes de iniciar o estudo do texto bíblico, importa delinear alguns elementos relacionados com o contexto em que este se insere, tendo em vista a sua melhor compreensão, explorando e desenvolvendo alguns dados. De facto, só deste modo perceberemos a riqueza e a densidade do texto na sua totalidade, sendo possível fazer uma espécie de viagem ao seu tempo, no sentido de o tornar presente e atual, explorando o seu *sitz-im-leben* e, a partir daí, mostrando a sua pertinência. Na verdade, esta parábola «é uma das mais longas de Jesus, precisamente porque contém nuances, peculiaridades, atitudes culturais e outras características que iluminam esse significado de modo mais amplo»<sup>2</sup>. Por conseguinte, neste primeiro capítulo, contextualizaremos a religiosidade judaica e a sociedade, relacionando-as e analisando alguns grupos religiosos – mais concretamente os fariseus –, o conceito de família e a forma como eram repartidas as heranças.

## 1. Religião e sociedade

Ainda que a atual secularização seja uma realidade que afeta tanto a religião quanto a sociedade, ficando a dimensão religiosa confinada à dimensão individual e privada, deve sublinhar-se que tal não acontecia na Palestina, concretamente no primeiro século, no tempo de Jesus. Todavia, antes de analisarmos a relação entre a religião e a sociedade, importa traçar os principais elementos do Judaísmo e elencar as suas principais formas de expressão, os seus traços. Apesar do seu pluralismo interno, o Judaísmo, acreditando no Deus uno, tinha como fundamentos o monoteísmo e a Aliança de Deus com Israel; o Templo e as sinagogas; o culto sacrificial e o serviço da Palavra de Deus; os livros sagrados e as tradições (orais e escritas).

---

<sup>2</sup> J. MACARTHUR, *A parábola do filho pródigo: uma análise completa da história mais importante que Jesus contou*, p. 23.

Além disso, na sua prática religiosa quotidiana, os judeus recitavam duas vezes ao dia o *Shema Israel*, a profissão de fé no Deus único<sup>3</sup>.

Não havia qualquer dúvida de que «“Israel” designava o Povo de Deus. Ser israelita, possuir este nome sagrado, significava pertencer a este povo escolhido»<sup>4</sup>. Neste sentido, refira-se que o Judaísmo não se reduzia apenas à crença no Deus único, nem a um conjunto de ritos, como a circuncisão, a observância do sábado, os preceitos sobre as refeições e as normas de purificação<sup>5</sup>. Era também um conjunto de práticas, com uma dimensão social, que se articulam com a vida. Além do mais, as dimensões social e cultural mantinham-se vivas graças à prática religiosa que abrangia toda a vida familiar e a de cada um dos judeus observantes. Destaque-se ainda que a sinagoga, local destinado ao culto em que era proclamada a Torá, era não só o local mais importante nas pequenas aldeias, mas também o centro da vida social e religiosa da comunidade judaica<sup>6</sup>. Conseqüentemente, «a vida e a piedade judaicas articulam-se à volta da adesão incondicional à Lei, à Tora, entendida como a expressão da vontade de Deus em relação a Israel, Seu povo»<sup>7</sup>.

Deste modo, ainda que na presente investigação não analisemos concretamente o contexto político, importa sublinhar que

«a “liturgia” do mundo judaico deste período já não se realiza exclusivamente no Templo nem se confina à sinagoga; pelo contrário, é o ginásio, o hipódromo, o teatro ou as atividades da cultura estética que começam a sobrepor-se, provocando assim uma autêntica crise de identidade como nunca havia sucedido, uma vez que a luta agora não era imposta de fora nem pela força das armas, mas partia de dentro e cabia a cada judeu fazer a sua própria escolha face aos preceitos da Lei»<sup>8</sup>.

Devido, sobretudo, à influência helénica, o Judaísmo passava, na época seguinte àquele domínio, por uma fase de crise e é neste contexto que surgem alguns grupos religiosos, como

---

<sup>3</sup> Cf. G. THEISSEN – A. MERZ, *El Jesús histórico*, p. 152.

<sup>4</sup> J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, p. 52.

<sup>5</sup> Cf. G. THEISSEN – A. MERZ, *op. cit.*, p. 154.

<sup>6</sup> Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret: historia e interpretación*, p. 70.

<sup>7</sup> A. PUIG, *Jesus: uma biografia*, p. 83.

<sup>8</sup> J. D. LOURENÇO, *O mundo judaico em que Jesus viveu: cultura judaica e Novo Testamento*, p. 25.

analisamos mais adiante. Convém, desde já, ter presente que «as transformações políticas estavam intimamente ligadas a uma transformação fundamental na ideia de concretização da salvação»<sup>9</sup>. Como forma de superar esta crise de identidade, no âmbito religioso, reinava o sistema de pureza ritual, que procurava garantir e afirmar a identidade judaica face à cultura pagã. Todavia, este momento teve um resultado inesperado: o recalçamento das diferenças e discriminações dentro do povo. É neste contexto que surge «uma grande diferença entre as várias classes sociais»<sup>10</sup>, existindo assim grandes desigualdades no que se refere à distribuição da riqueza e à economia.

Com efeito, uma vez que a Torá concedia ao Judaísmo a sua identidade, definia também a sua posição privilegiada e arriscada entre todas as nações, conferindo-lhe a sua autoconsciência<sup>11</sup>, principalmente devido à articulação da religiosidade com a vida prática. Em relação à vida religiosa e social, articuladas, vão-se afirmando os diversos grupos e movimentos que conhecemos da Tradição evangélica<sup>12</sup>. Efetivamente, é neste contexto, e devido a alguns dos fatores aqui apresentados, que nasceram os grupos religiosos, detentores de alguma influência em questões políticas – como é o caso dos fariseus –, numa tentativa de renovação e recuperação de identidade do Judaísmo face à cultura helénica.

## 2. Grupos religiosos

Ainda que na época em questão existissem três grandes grupos religiosos – fariseus, saduceus e essénios –, apenas nos focaremos nos fariseus, pois é o grupo sobre o qual trabalharemos para uma melhor compreensão do nosso texto. Além disso, faremos uma

---

<sup>9</sup> J. GNILKA, *op. cit.*, p. 55.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>11</sup> Cf. G. THEISSEN, *Sociología del movimiento de Jesús: El nacimiento del Cristianismo primitivo*, p. 74.

<sup>12</sup> R. FABRIS, *op. cit.*, p. 72.

referência breve aos publicanos, mostrando o porquê de estes serem vistos com maus olhos por quantos integravam o farisaísmo.

Importa ainda perceber que estes três partidos/grupos religiosos “clássicos” de judeus surgiram no curso do século II a. C. – período da helenização – e, desde essa época até ao século I d. C. – época de Jesus – marcaram o Judaísmo<sup>13</sup>.

Focando-nos nos fariseus, começamos por referir que eles formavam um grupo religioso e político de judeus devotos, tendo surgido no começo do período asmoneu, por volta do ano 150 a. C., como resposta religiosa e política ao período da helenização desencadeada por Antíoco IV<sup>14</sup>.

Desde a invasão helénica, impulsionada por Alexandre Magno, em 333 a. C., o povo judeu foi obrigado a defender a sua identidade, face à nova cultura, com todas as forças. Neste contexto, compreenderam que só poderiam sobreviver reafirmando a sua adesão incondicional à Lei e ao Templo, promovendo uma política de separação daquilo que era pagão<sup>15</sup>. Neste âmbito, «todos e cada um dos movimentos de renovação na Palestina queriam concretizar um Israel melhor. Cada um tinha que inferiorizar os demais judeus a israelitas de segunda categoria ou equipará-los com os pagãos»<sup>16</sup>. Portanto, foi neste clima de tensão entre os vários grupos que «fora crescendo uma dinâmica religiosa de “separação”, que visava preservar a santidade própria do povo de Deus»<sup>17</sup>.

Em finais do século I a. C., os fariseus transformaram-se em líderes espirituais do povo judeu, começando por exercer influência em Jerusalém e demais centros urbanos de dentro e de fora do país dos judeus<sup>18</sup>. Importa destacar que, graças ao seu esforço no cumprimento da

---

<sup>13</sup> Cf. G. THEISSEN – A. MERZ, *op. cit.*, p. 155.

<sup>14</sup> Cf. J. P. MEIER, *Un judío marginal: Nueva visión del Jesús histórico; Tomo III, Compañeros y competidores*, p. 346.

<sup>15</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus: una abordagem histórica*, p. 198.

<sup>16</sup> «todos y cada uno de los movimientos de renovación en Palestina querían realizar un Israel mejor. Cada uno tenía que degradar a los demás judíos a israelitas de segunda categoría o equipararlos con los paganos», in G. THEISSEN, *op. cit.*, p. 81.

<sup>17</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 199.

<sup>18</sup> Cf. A. PUIG, *op. cit.*, pp. 98-99.

Lei, os fariseus criaram prescrições interpretativas, tradições exegéticas, mais tarde denominadas “tradições dos antigos” (Mc 7,3), que pretendiam facilitar o cumprimento concreto dos mandamentos mosaicos na vida quotidiana<sup>19</sup>, ainda que por vezes exagerassem ao absolutizar a Lei.

Não obstante, o povo tinha consideração por eles e eram vistos como modelos de piedade e protótipos do ideal de vida que os escribas tinham projetado<sup>20</sup>. Assim, «os fariseus viviam de forma irrepreensível e faziam de tudo para que o povo praticasse a Lei, mas desprezavam as pessoas marginais»<sup>21</sup> e, dentro deste grupo de pessoas, podemos destacar os publicanos. Para os judeus, convencidos da realeza de Deus e do valor absoluto da Lei, era uma vergonha que os pagãos governassem os destinos do povo da Aliança e ainda obrigassem a pagar impostos. Por isso, não surpreende que os fariseus, como ativistas da Lei, partilhassem esperanças populares políticas como a de um Messias poderoso, surgido da casa de David, que expulsaria os romanos do país pela força das armas<sup>22</sup>. É evidente que os fariseus não eram só um movimento religioso, mas também um partido político ou “grupo de interesse” político<sup>23</sup>.

Ora, como os fariseus centravam parte da sua atenção em questões como as normas de pureza ritual, normas rituais do culto, pagamento dos dízimos, entre outras – saliente-se que o «termo “fariseu” quer dizer etimologicamente “um separado”»<sup>24</sup> – e tenhamos isto como uma das bases em que assentava a relação dos fariseus com os publicanos.

No Evangelho, aqueles que são designados de “pecadores e publicanos”, sendo os não-observantes, devido à sua atividade económica ou à sua conduta religiosa e moral em desconformidade com a Lei, são os que, na ótica farisaica, estão excluídos da salvação. Refira-se ainda que estas pessoas se assemelham aos que não são os verdadeiros israelitas, estando

---

<sup>19</sup> Cf. J. GNILKA, *op. cit.*, p. 61.

<sup>20</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Jerusalén en tiempos de Jesús: Estudio económico y social del mundo del Nuevo Testamento*, p. 281.

<sup>21</sup> A. PUIG, *op. cit.*, p. 302.

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, p. 101.

<sup>23</sup> Cf. J. P. MEIER, *op. cit.*, p. 347.

<sup>24</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 37.

privadas de direitos religiosos e civis, como por exemplo a possibilidade de ocupar cargos na sinagoga, nos tribunais e na administração local<sup>25</sup>.

Deste modo, uma vez que os publicanos recolhiam tributos de impostos ocasionais – indiretos, especialmente sobre mercadorias, de passagens sobre as fronteiras, portagens, entre outros – tendo a possibilidade de arrendar os seus postos de cobrança e arrecadar daí algum dinheiro, através do aumento dos tributos a pagar, a isso se deve a sua má fama aos olhos dos fariseus, sendo equiparados a pecadores públicos<sup>26</sup>.

No entanto, estes publicanos não devem ser confundidos com os cobradores de tributos e de impostos do Império, pois Roma confiava estas tarefas a famílias de grande prestígio que, pela sua fortuna, fariam uma cobrança eficaz. Estes publicanos que aparecem no Evangelho de Lucas são um grupo de pessoas que não puderam encontrar um meio de subsistência melhor. Por ser um trabalho visto como desprezível, considerado uma atividade própria de ladrões e de gente pouco honesta, era também feito por escravos. Assim, este grupo, socialmente e aos olhos dos fariseus, era desprestigiado e equivalente, talvez, ao grupo de “prostitutas”<sup>27</sup>. De facto, «todo o judeu que aceitasse um emprego de cobrador de impostos entre os seus compatriotas para Roma era visto como um traidor de seu país, de sua religião e de seu povo»<sup>28</sup>.

Neste âmbito, os publicanos representam os seres humanos separados de Deus, ligados aos bens materiais, sem temor pelos seus semelhantes<sup>29</sup>, pelo menos segundo a ótica farisaica. No capítulo seguinte, faremos a comparação entre estes dois grupos e analisaremos o que cada um representa ou simboliza, tendo como ponto de referência a parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lc 18,9-14).

---

<sup>25</sup> Cf. R. FABRIS, *op. cit.*, p. 69.

<sup>26</sup> Cf. J. GNILKA, *op. cit.*, p. 70.

<sup>27</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 204.

<sup>28</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 33.

<sup>29</sup> Cf. F. BOVON, *El Evangelio según San Lucas, III. Lc 15,1 – 19,21*, p. 33.

### 3. Família e herança

Tendo em conta o nosso texto de trabalho e sendo a família uma das suas principais bases, torna-se imprescindível analisar a forma como se estruturavam e se organizavam as famílias na época em questão. Além disso, também apresentaremos a forma como eram repartidas as heranças.

Começamos por constatar que a terra e a família são dois dos pilares da religião judaica, sendo que a família é o viveiro natural onde são transmitidos os valores do Judaísmo. Assim, a família é o lugar principal para a prática da Lei e as grandes celebrações judaicas são de tipo familiar. Era na família que as crianças começavam a aprender a viver segundo a Lei e a orar<sup>30</sup>. Além do mais, era também na família que as crianças se enquadravam no meio social envolvente e formavam a sua identidade. E de tal modo que as crianças que ficavam sem família – órfãs – passavam por sérias dificuldades, principalmente a nível social, mas também religioso, por serem débeis e vulneráveis, pois não tinham a proteção familiar. Daqui se percebe a importância que a família tem no contexto desta época. Contudo, não obstante as imensas dificuldades que este tipo de crianças passava, elas eram queridas e apreciadas, embora tivessem uma vida muito árdua.

Numa sociedade de estrutura patriarcal, só o marido/pai é que era o dono e senhor da casa. A mulher estava, primeiramente, subordinada ao seu pai e, num segundo momento, ao seu marido, sendo muito prejudicada a nível legal, visto que era tida como propriedade do marido<sup>31</sup>, não tendo o direito de prestar testemunho, uma vez que, segundo Gn 18,15, era mentirosa. Deste modo, o seu testemunho apenas era aceite em casos concretos e excepcionalmente, nas mesmas condições em que se aceitava também o de um simples escravo pago<sup>32</sup>. Neste âmbito, observa-

---

<sup>30</sup> Cf. A. PUIG, *op. cit.*, p. 88.

<sup>31</sup> Cf. J. GNILKA, *op. cit.*, p. 71.

<sup>32</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Jerusalén en tiempos de Jesús: Estudio economico y social del mundo del Nuevo Testamento*, p. 386.

se, em muitos casos, o desprezo pela mulher face ao homem. Desenvolveremos esta e outras questões mais adiante, quando enunciarmos as diferenças existentes, a nível social, entre o homem e a mulher.

A «autoridade do pai era absoluta. Todos lhe deviam obediência e lealdade. Era ele que negociava os casamentos e decidia o destino das filhas. Ele organizava o trabalho e definia os direitos e deveres. Todos lhe estavam submetidos»<sup>33</sup>. Aliás, desde muito cedo os rapazes eram introduzidos neste mundo autoritário dos homens, mais concretamente aos oito anos, onde eram ensinados a afinar a sua masculinidade<sup>34</sup>.

É possível compreender desde logo a principal diferença entre o homem e a mulher na sociedade judaica, a mulher é dependente ou do seu pai ou do seu marido. Além disso, quando as mulheres judias saíam de casa, tinham de levar a cara coberta de modo a serem irreconhecíveis, caso contrário ofendiam os bons costumes a que o seu marido tinha direito, inclusivamente o de mandá-la embora, sem estar obrigado a pagar-lhe o estipulado no contrato matrimonial, em caso de divórcio<sup>35</sup>.

Portanto, «as mulheres judias, sem verdadeira autonomia, servas do seu próprio esposo, reclusas no interior da casa, suspeitas da impureza ritual, discriminadas religiosa e juridicamente, formavam um setor profundamente marginalizado na sociedade judaica»<sup>36</sup>. A isto acrescia que a mulher era considerada inferior ao homem, que podia ter várias mulheres (cf. Dt 21,15-17), enquanto as mulheres só podiam ter um marido. De igual forma, após o nascimento de um filho varão, a mãe era considerada impura durante o período de sete dias, mas se nascesse uma filha esse tempo dobrava (cf. Lv 12,2-5)<sup>37</sup>.

Refira-se que o povo judeu, exagerando na interpretação do relato do Génesis, concebia a mulher unicamente como meio para proporcionar ao homem uma ajuda adequada e olhava-a

---

<sup>33</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 44.

<sup>34</sup> Cf. *Ibidem*, p. 45.

<sup>35</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Jerusalén en tiempos de Jesús: Estudio economico y social del mundo del Nuevo Testamento*, p. 371.

<sup>36</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 221.

<sup>37</sup> Cf. J. D. G. DUNN, *La llamada de Jesús al seguimiento*, pp. 130-131.

como a culpada de o homem comer do fruto proibido. Embora seja difícil compreendê-lo hoje, esta era a mentalidade transmitida ao povo judeu de geração em geração, criando-se assim uma visão muito negativa da mulher, invariavelmente considerada perigosa e sinónimo de tentação e de pecado.

Não será de estranhar, então, o facto de a mulher ser vista como mera propriedade do homem, vulnerável, sem qualquer autonomia, a quem os homens tinham de proteger da agressão sexual de outros homens. Daí estar afastada da vida pública e ter apenas como função cuidar da casa e procurar honrar a família. Saliente-se, ainda, que a sua obrigação moral era satisfazer sexualmente o marido e dar-lhe filhos varões, de modo a assegurar a subsistência da família. No entanto, embora alvo das discriminações que acabámos de elencar, a mulher era também respeitada e enaltecida como mãe, preocupando-se e ocupando-se com promover e conservar o clima familiar e religioso dentro de casa<sup>38</sup>.

A condição da mulher estava marcada pela exclusão social, pelo que a sua formação era muito limitada e restrita à aprendizagem dos trabalhos domésticos, do cuidado dos filhos ou dos irmãos mais novos. Não tinham os mesmos direitos que os seus irmãos, principalmente, mas não só, no que se refere às heranças, sendo que os filhos e seus descendentes tinham prioridade às filhas. Só no caso de o pai não ter filhos poderiam as suas filhas herdar a herança, ou parte dela (cf. Nm 27,8).

Até aos doze anos de idade, a filha pertence ao pai e o pai tem todo o poder sobre ela, não tendo esta o direito de possuir nada, nem mesmo o fruto do seu trabalho. A isto acresce o facto de o pai poder vender a filha como escrava, pelo menos até ao momento em que esta tenha atingido os doze anos de idade. Por outro lado, os homens, ao casarem, podiam reivindicar os bens da mulher, assim como o produto do seu trabalho, e esta estava obrigada a obedecer-lhe como um servo obedece ao seu senhor, uma obediência que configura um dever religioso<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *op. cit.*, pp. 218-219.

<sup>39</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Jerusalén en tiempos de Jesús: Estudio económico y social del mundo del Nuevo Testamento*, pp. 374-381.

Para concluir, abordaremos alguns dados relativos às heranças, mais concretamente à forma como estas se repartiam. Primeiramente, refiramos que

«os direitos relativos às heranças contribuían para agravar ainda mais a situação dos descendentes. De facto, o filho mais velho era sempre o único que herdava a casa e a granja, que nunca eram repartidas. Os outros filhos tinham de se contentar com uma parte dos bens móveis. Isto explica, por seu turno, a grande diáspora judaica, já que muitos preferiam abandonar a pobre província natal, partindo para o estrangeiro»<sup>40</sup>.

Portanto, segundo o direito judaico, era possível repartir os bens em vida, ainda que isso fosse desaconselhado<sup>41</sup>. Todavia, não há consenso no que se refere a esta matéria, existindo várias teorias acerca deste modo de repartição. Outra forma de repartição era que, tratando-se de dois filhos, ao maior correspondem dois terços da herança ou da fortuna e ao menor um terço. No entanto, se o filho vendesse a propriedade, o comprador só poderia tomar posse dela após a morte do pai e o filho perderia todos os direitos referentes ao usufruto<sup>42</sup>.

Além desta hipótese, no que se refere à distribuição da herança, existia ainda a ideia positiva de que um filho poderia pedir a sua herança ao pai, embora isto fosse associado a uma dimensão negativa, como abordaremos no último capítulo.

Enquadram-se na hipótese positiva, as reclamações da herança por parte do filho ao pai quando o filho estava para casar ou para emigrar, se houvesse falta de trabalho na sua terra natal. Ainda assim, o gesto de pedir a herança não era muito bem visto no contexto da época em estudo<sup>43</sup>. Por seu turno, segundo o livro de Deuterónimo, o primogénito tem sempre direito ao dobro dos bens, porque a ele pertence o direito da primogenitura (cf. Dt 21,17). Além disso, segundo os costumes ancestrais da Palestina, o pai podia dispor dos seus bens de duas formas: ou fazendo um testamento, ou por meio de uma doação em vida. Esta última opção, embora desaconselhada, era a mais frequente<sup>44</sup>.

---

<sup>40</sup> J. GNILKA, *op. cit.*, p. 69.

<sup>41</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 64.

<sup>42</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio segun Lucas; III. Traducción y comentario (capítulos 8, 22 – 18, 14)*, p. 678.

<sup>43</sup> Cf. I. G. ACEBO, *Lucas*, p. 433.

<sup>44</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 677.

---

**II CAPÍTULO**  
**O TEXTO DE LC 15,11-32**

---

## II. O texto de Lc 15,11-32

No primeiro capítulo, apresentámos alguns elementos histórico-políticos, religiosos e sociais referentes à estrutura familiar, que, como *sitz-im-leben* de Lc 15,11-32, ajudarão à sua melhor compreensão.

Partimos agora para a análise deste texto, na sua versão original, tendo como fonte E. Nestlé – K. Aland<sup>45</sup>. Além disso, trabalharemos o texto na sua relação com o terceiro Evangelho, traçando um itinerário que vai da totalidade do Evangelho até às parábolas da misericórdia (Lc 15), e mais concretamente a parábola em estudo, passando pelo caminho para Jerusalém (Lc 9,51 – 19,27) e pelo Evangelho dos perdidos (Lc 15,1 – 19,10).

### 1. Texto em grego e tradução<sup>46</sup>

11 Εἶπεν δέ· ἄνθρωπός τις εἶχεν δύο υἱούς.

12 καὶ εἶπεν ὁ νεώτερος αὐτῶν τῷ πατρί· πάτερ, δός μοι τὸ ἐπιβάλλον μέρος τῆς οὐσίας.

ὁ δὲ διεῖλεν αὐτοῖς τὸν βίον.

13 καὶ μετ’ οὐ πολλὰς ἡμέρας συναγαγὼν πάντα ὁ νεώτερος υἱὸς ἀπεδήμησεν εἰς χώραν μακρὰν καὶ ἐκεῖ διεσκόρπισεν τὴν οὐσίαν αὐτοῦ ζῶν ἄσώτως.

14 δαπανήσαντος δὲ αὐτοῦ πάντα ἐγένετο λιμὸς ἰσχυρὰ κατὰ τὴν χώραν ἐκείνην, καὶ αὐτὸς ἤρξατο ὑστερεῖσθαι.

15 καὶ πορευθεὶς ἐκολλήθη ἐνὶ τῶν πολιτῶν τῆς χώρας ἐκείνης, καὶ ἔπεμψεν αὐτὸν εἰς τοὺς ἀγροὺς αὐτοῦ βόσκειν χοίρους,

---

<sup>45</sup> E. NESTLÉ – K. ALAND, *Novum Testamentum Graece*, pp. 211-213.

<sup>46</sup> A tradução que se segue é a da *Bíblia Sagrada*. Ao longo do trabalho, seguiremos sempre os textos da mesma edição que se encontra citada na Bibliografia.

16 καὶ ἐπεθύμει χορτασθῆναι ἐκ τῶν κερατίων ὧν ἤσθιον οἱ χοῖροι, καὶ οὐδεὶς ἐδίδου αὐτῷ.

17 εἰς ἑαυτὸν δὲ ἐλθὼν ἔφη· πόσοι μίσθιοι τοῦ πατρός μου περισσεύονται ἄρτων, ἐγὼ δὲ λιμῷ ὥδε ἀπόλλυμαι.

18 ἀναστὰς πορεύσομαι πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ ἐρῶ αὐτῷ· πάτερ, ἤμαρτον εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐνώπιόν σου,

19 οὐκέτι εἰμὶ ἄξιος κληθῆναι υἱός σου· ποιήσόν με ὡς ἓνα τῶν μισθίων σου.

20 καὶ ἀναστὰς ἦλθεν πρὸς τὸν πατέρα ἑαυτοῦ. Ἔτι δὲ αὐτοῦ μακρὰν ἀπέχοντος εἶδεν αὐτὸν ὁ πατὴρ αὐτοῦ καὶ ἐσπλαγγίσθη καὶ δραμῶν ἐπέπεσεν ἐπὶ τὸν τράχηλον αὐτοῦ καὶ κατεφίλησεν αὐτόν.

21 εἶπεν δὲ ὁ υἱὸς αὐτῷ· πάτερ, ἤμαρτον εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐνώπιόν σου, οὐκέτι εἰμὶ ἄξιος κληθῆναι υἱός σου.

22 εἶπεν δὲ ὁ πατὴρ πρὸς τοὺς δούλους αὐτοῦ· ταχὺ ἐξενέγκατε στολὴν τὴν πρώτην καὶ ἐνδύσατε αὐτόν, καὶ δότε δακτύλιον εἰς τὴν χεῖρα αὐτοῦ καὶ ὑποδήματα εἰς τοὺς πόδας,

23 καὶ φέρετε τὸν μόσχον τὸν σιτευτόν, θύσατε, καὶ φαγόντες εὐφρανθῶμεν,

24 ὅτι οὗτος ὁ υἱός μου νεκρὸς ἦν καὶ ἀνέζησεν, ἦν ἀπολωλὼς καὶ εὐρέθη. καὶ ἤρξαντο εὐφραίνεσθαι.

25 Ἦν δὲ ὁ υἱὸς αὐτοῦ ὁ πρεσβύτερος ἐν ἀγρῷ· καὶ ὡς ἐρχόμενος ἤγγισεν τῇ οἰκίᾳ, ἤκουσεν συμφωνίας καὶ χορῶν,

26 καὶ προσκαλεσάμενος ἓνα τῶν παιδῶν ἐπυνθάνετο τί ἂν εἴη ταῦτα.

27 ὁ δὲ εἶπεν αὐτῷ ὅτι ὁ ἀδελφός σου ἦκει, καὶ ἔθυσεν ὁ πατήρ σου τὸν μόσχον τὸν σιτευτόν, ὅτι ὑγιαίνοντα αὐτὸν ἀπέλαβεν.

28 ὠργίσθη δὲ καὶ οὐκ ἤθελεν εἰσελθεῖν, ὁ δὲ πατήρ αὐτοῦ ἐξελθὼν παρεκάλει αὐτόν.

29 ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν τῷ πατρὶ αὐτοῦ· ἰδοὺ τοσαῦτα ἔτη δουλεύω σοι καὶ οὐδέποτε ἐντολήν σου παρήλθον, καὶ ἐμοὶ οὐδέποτε ἔδωκας ἔριφον ἵνα μετὰ τῶν φίλων μου εὐφρανθῶ.

30 ὅτε δὲ ὁ υἱὸς σου οὗτος ὁ καταφαγὼν σου τὸν βίον μετὰ πορνῶν ἦλθεν, ἔθυσας αὐτῷ τὸν σιτευτὸν μόσχον.

31 ὁ δὲ εἶπεν αὐτῷ· τέκνον, σὺ πάντοτε μετ’ ἐμοῦ εἶ, καὶ πάντα τὰ ἐμὰ σὰ ἐστίν·

32 εὐφρανθῆναι δὲ καὶ χαρῆναι ἔδει, ὅτι ὁ ἀδελφός σου οὗτος νεκρὸς ἦν καὶ ἔζησεν, καὶ ἀπολωλὼς καὶ εὐρέθη.

11 Disse ainda: “Um homem tinha dois filhos.

12 O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde”. E o pai repartiu os bens entre os dois.

13 Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada.

14 Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações.

15 Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos.

16 Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.

17 E, caindo em si, disse: “Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome!

18 Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti;

19 já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.”

20 E, levantando-se, foi ter com o pai. Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos.

21 O filho disse-lhe: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.”

22 Mas o pai disse aos seus servos: “Trapei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés.

23 Trapei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos,

24 porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.” E a festa principiou.

25 Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças.

26 Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo.

27 Disse-lhe ele: “O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo”.

28 Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse.

29 Respondendo ao pai, disse-lhe: “Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos;

30 e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.”

31 O pai respondeu-lhe: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu.

32 Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado”.

## **1.1. Análise textual**

O Evangelho de Lucas, o mais rico no que se refere ao vocabulário, apresenta-nos termos que podem assumir vários sentidos, o que enriquece o texto, tornando-o polissémico.

Assim, apresentamos abaixo as palavras que possuem um significado complexo, de forma a compreendermos a dinâmica e a riqueza que este texto transporta consigo:

a) O termo οὐσία, traduzido por “herança” conforme se encontra no versículo 12 em genitivo, é a “existência” ou “substância”, os “bens”, quando a eles se refere. Embora a referência textual remeta para o conceito de “herança”, ligado à palavra “existência”, será legítimo considerar que o pai se dá a si mesmo, e duplamente, pois não só dá “existência/substância” aos seus filhos, como também lhes dá a possibilidade de viverem<sup>47</sup>. Além disso, o termo poderá também significar «essência»<sup>48</sup>, uma palavra derivada do verbo εἶναι que pode significar: “ser”, “bens” e “propriedades”<sup>49</sup>.

b) Outro termo relevante neste texto é ἀσώτως – “dissoluto” – (v. 13), cuja tradução mais correta será «vivendo dissolutamente»<sup>50</sup>, ou «libertinamente»<sup>51</sup>, embora a *Bíblia Sagrada* opte por traduzir ζῶν ἀσώτως por «vida desregrada», referindo-se ao modo de vida daquele jovem, longe da casa do pai. Todavia, se traduzirmos literalmente o advérbio de modo ἀσώτως na sua ligação com o verbo ζῶν, verificamos que a primeira tradução apresentada é a mais adequada. Assim, a forma verbal ζάω que se encontra no texto é o Particípio Presente ativo, em nominativo masculino singular, refere-se claramente ao filho mais novo. Neste sentido, o advérbio ἀσώτως tanto pode significar “de forma pouco saudável”<sup>52</sup>, como também “fora da salvação”<sup>53</sup> ou “sem esperança de salvação”<sup>54</sup>, questão que será desenvolvida adiante.

c) No versículo 15, (ἐκολλήθη ἐνὶ τῶν πολιτῶν) “reunir-se com um cidadão”, manifesta a degradação a que este filho chegou, por desejar associar-se (ἐκολλήθη) a um dos “cidadãos” estrangeiros (πολιτῶν) que possuía uma vara de porcos. Assim

---

<sup>47</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 64.

<sup>48</sup> «essenza», in D. ATTINGER, *Evangelo secondo Luca*, p. 428.

<sup>49</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 677.

<sup>50</sup> *Novo Testamento Interlinear, Grego – Português*, p. 293.

<sup>51</sup> H. BALZ – G. SCHNEIDER, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento (α – κ)*, p. 530.

<sup>52</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 679.

<sup>53</sup> Cf. D. ATTINGER, *op. cit.*, p. 429.

<sup>54</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 65.

sendo, podemos inferir que não deverá tratar-se de um judeu<sup>55</sup>, mas de um pagão<sup>56</sup> e o “apascentar porcos” (βόσκειν χοίρους) é profundamente simbólico: sendo um animal impuro na cultura judaica, o porco constitui um indício da degradação moral em que vivera o filho mais novo<sup>57</sup>. Provavelmente, esta atividade era apenas feita por escravos.

d) εἰς ἑαυτὸν δὲ ἔλθων<sup>58</sup> “tendo, porém, regressado”, e, «caindo em si» (v. 17), o filho procura uma forma de sobrevivência que irá passar pela opção de pedir a seu pai ser, ao menos, um “jornaleiro” (μίσθιος), termo que se aplica ao trabalhador do campo<sup>59</sup>, no que evidencia plena consciência de ter perdido a dignidade de filho, afirmando: «já não sou digno de ser chamado teu filho» (οὐκέτι εἰμι ἄξιος κληθῆναι υἱός σου [v. 19]). Saliente-se que, embora μίσθιος seja um adjetivo, no texto em análise é usado como substantivo<sup>60</sup>. Assim, tendo este filho perdido tudo e ante a noção de que o próximo passo que desse o levaria para a morte, acaba por optar pela sobrevivência, nem que seja como um simples “jornaleiro”. Isso torna-se evidente quando se dá conta de que lhe faltava o alimento mais básico para sobreviver: o “pão” que os trabalhadores de seu pai tinham em abundância.

e) O filho mais novo decide “levantar-se” (ἀναστάς [v. 18]). Em sentido cristão, o verbo ἀνίστημι remete para “ressuscitar”<sup>61</sup>, assim como «levantar, salvar duma má situação»<sup>62</sup> e, se ἀσώτως (v. 13) se refere à exclusão da salvação, ἀναστάς retoma a temática da salvação e inverte a situação anterior. Deve salientar-se que, embora neste texto não encontremos a palavra “salvação”, o tema percorre-o implicitamente, sendo até um dos seus motivos centrais.

---

<sup>55</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 66.

<sup>56</sup> Cf. D. ATTINGER, *op. cit.*, p. 429.

<sup>57</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 680.

<sup>58</sup> Segundo a obra: J. JEREMIAS, *Las parábolas de Jesús*, p. 160, esta expressão, em hebreu e aramaico, significa: “fazer penitência”.

<sup>59</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 681.

<sup>60</sup> Cf. H. BALZ – G. SCHNEIDER, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento (λ – ω)*, p. 298.

<sup>61</sup> Cf. D. ATTINGER, *op. cit.*, p. 430.

<sup>62</sup> I. PEREIRA, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, p. 51.

- f) Depois de se ter levantado e dirigindo-se a casa, o pai, ao vê-lo, enche-se de “compaixão” (ἐσπλαγγχίσθη [v. 20]). A forma verbal aqui utilizada por Lucas, rara em grego, assume o sentido de “ter piedade ou compaixão”, aparecendo também em Lc 10, 33, na parábola do bom samaritano<sup>63</sup>. No NT, este verbo é usado para falar de Jesus como representante da misericórdia de Deus<sup>64</sup>.
- g) Em seguida, tendo o filho preparado um discurso para dirigir a seu pai, é surpreendente o facto de este pai não o deixar acabar de falar, não lhe dando sequer a hipótese de pedir que seja tratado como um simples jornaleiro, mas diz: «trazei depressa» (ταχὺ ἐξενέγκατε [v. 22]), evidenciando-se, numa alusão também à conclusão da parábola (cf. v. 32)<sup>65</sup>, a imediatez da salvação perante alguém que «estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado» (νεκρὸς ἦν καὶ ἀνέζησεν, ἦν ἀπολωλὼς καὶ εὐρέθη [v. 24]). Este encontro do filho perdido e morto leva à alegria presente, expressa na forma verbal εὐφρανθῶμεν, «alegremo-nos» (v. 23).
- h) Destaque-se, por conseguinte, que o “estar morto”, expresso pelo adjetivo νεκρός (v. 24), não se refere à morte biológica, mas antes à familiar, ou seja, a uma morte moral, referindo-se, por isso, à separação do filho mais novo da vida familiar<sup>66</sup>. Com efeito, a forma ἀνέζησεν, no indicativo aoristo ativo, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, mostra que este filho, tendo estado longo tempo fora de casa, “reviveu”, passando esta forma narrativa a remeter para uma reintegração na família e para a recuperação do comportamento moral<sup>67</sup>.
- i) O filho mais velho, segundo a parábola, estava «no campo» (ἐν ἀγρῷ [v. 25]). Ao regressar, chama um dos «servos» mais novos<sup>68</sup> (v. 26), aqui evocado pelo

<sup>63</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 69.

<sup>64</sup> Cf. H. BALZ – G. SCHNEIDER, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento (λ – ω)*, p. 1469.

<sup>65</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 683.

<sup>66</sup> Cf. H. BALZ – G. SCHNEIDER, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento (λ – ω)*, p. 385.

<sup>67</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 684.

<sup>68</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 71.

substantivo παιδων, o que indica que se trataria de um «escravo jovem»<sup>69</sup>, precisamente como o seu irmão recém-regressado, e não um qualquer outro servo, eventualmente mais velho. Observe-se ainda que é a segunda vez que aparece no texto<sup>70</sup> a construção com numeral seguido de genitivo partitivo, o que permite inferir uma certa superlativização deste um entre os membros de determinado grupo.

j) Tendo sabido do regresso do seu irmão “mais novo” (νεώτερος) por um dos “escravos jovens” que chamara até junto de si, “o filho mais velho” (ὁ υἱὸς αὐτοῦ ὁ πρεσβύτερος) ficou «encolerizado» (ὠργίσθη [v. 28]) e não queria participar na festa, respondendo de forma rude ao pai que sai ao seu encontro: (ἰδοὺ τοσαῦτα ἔτη δουλεύω [v. 29]) «há já tantos anos que te sirvo». Na verdade, ao utilizar o verbo δουλεύω, é enfatizado o “servir” no sentido da escravidão, apresentando-se como sendo «escravo de»<sup>71</sup> seu pai. Deste modo, o filho mais velho, perante o pai, considera-se seu escravo ou criado. A isto acresce que, no contexto global de Lucas, o verbo acima referido abrange ainda o serviço de fidelidade na observância da Lei, como pretendem os que criticam o comportamento de Jesus<sup>72</sup>. Deste modo, há aqui um evidente paralelismo entre o filho mais velho e os fariseus.

k) Todavia, o pai responde-lhe: «filho» – τέκνον –, uma forma de tratamento carinhosa que, traduzida literalmente, evidencia que «o que o pai diz é “criança”»<sup>73</sup>. A ser assim, face ao ressentimento do filho que se coloca fora da esfera familiar, o pai responde com uma palavra de ternura que o coloca no centro do núcleo familiar pelo afeto.

l) Para concluir, «era necessário»<sup>74</sup> (ἔδει) «fazer uma festa» (εὐφρανθῆναι [v. 32]).

Portanto, para justificar a sua alegria interior, o pai exterioriza-a através de uma festa;

---

<sup>69</sup> I. PEREIRA, *op. cit.*, p. 422.

<sup>70</sup> «ἐνὶ τῶν πολιτῶν» (v. 15) e «ἐνα τῶν παιδων» (v. 26).

<sup>71</sup> I. PEREIRA, *op. cit.*, p. 152.

<sup>72</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 685.

<sup>73</sup> H. NOUWEN, *O regresso do filho pródigo*, p. 102.

<sup>74</sup> «era necesario», in J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 687.

não uma simples festa, porque manda matar «o vitelo gordo» (τὸν μύσχον τὸν σιτευτόν [v. 23]), comemorando dessa forma algo de realmente excepcional. Além disso, a presença da forma verbal δεῖ, típico de Lucas, tem uma conotação histórico-salvífica, na medida em que remete para o plano de Deus<sup>75</sup>.

## 2. Enquadramento literário

Embora a perícopre Lc 15,11-32, pela sua riqueza, possa ser lida sem ter em conta o Evangelho de Lucas no seu todo, para descobrir a densidade que ela contém, é necessário ligá-la ao todo que é o Evangelho e perceber o seu contexto e articulações, o porquê de ela ter surgido, o que a antecede e o que se lhe segue; enfim, a importância que assume no terceiro Evangelho.

Começamos pela apresentação da estrutura do Evangelho de Lucas e, dentro desta, focamo-nos na sua quarta parte (Lc 9,51 – 19,28) – o caminho para Jerusalém –, por ser a que acolhe a nossa parábola. Além disso, saliente-se que nesta secção sobressai a temática do caminho e é aqui que se apresentam as condições para entrar no Reino de Deus. Deste modo, não será a parábola do filho pródigo uma síntese da pregação de Jesus acerca do Reino de Deus? Esta e outras questões serão equacionadas no terceiro capítulo deste trabalho, mostrando a relevância que a parábola tem/assume no Evangelho de Lucas, pois há quem a considere, «de todas as parábolas de Jesus, [...] a mais ricamente detalhada, poderosamente dramática e intensamente espiritual»<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 687.

<sup>76</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 12.

## 2.1. Estrutura do Evangelho de Lucas<sup>77</sup>

Para compreendermos o papel que a parábola ocupa no terceiro Evangelho e o seu contexto, começaremos por apresentar uma estrutura possível do Evangelho de Lucas.

Prólogo	1,1-4
I. Evangelho da Infância	1,5 – 2,52
II. Prelúdio da missão	3,1 – 4,13
III. Ministério de Jesus na Galileia	4,14 – 9,50
IV. Subida de Jesus a Jerusalém	9,51 – 19,28
V. Ministério de Jesus em Jerusalém	19,29 – 21,38
VI. Paixão, morte e ressurreição de Jesus	22,1 – 24,53

Convém referirmos que, dentro desta estrutura, existe uma mais restrita, tripartida. Assim, em ordem a uma contextualização mais concreta da parábola do filho pródigo, destacamos esta estrutura tripartida do Evangelho de Lucas: Galileia (Lc 4,14 – 9,50), o caminho até Jerusalém (Lc 9,51 – 19,28) e Jerusalém (Lc 19,29 – 21,38), onde Jesus morre, ressuscita, cria e envia testemunhas para a missão e é elevado ao céu<sup>78</sup>. Note-se, todavia, que só após os relatos da infância, que O ancoraram numa história, numa família e num local concretos, é que Jesus, tendo recebido o batismo e estado quarenta dias no deserto, inicia a pregação do Reino.

A primeira das três grandes secções já referidas começa em 4,14 e vai até 9,50, denominando-se de *ministério de Jesus na Galileia*. Nesta parte, toda a atividade de Jesus se centra na Galileia e consiste nos primeiros milagres e pregação acerca do Reino, que começa por ter sucesso, pois «ensinava nas sinagogas e todos o elogiavam» (Lc 4,15).

<sup>77</sup> Esta estrutura é retirada da *Bíblia Sagrada*.

<sup>78</sup> Cf. R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, p. 287.

No entanto, ao ir a Nazaré e depois de ter lido e comentado na sinagoga a passagem de Is 61,1-2, omitindo a segunda parte do segundo versículo (o dia da vingança da parte do nosso Deus; para consolar os tristes), começam os problemas para Jesus: «este programa narrativo do mesmo Deus, em que a graça, o amor e o perdão passam por cima do “dia da vingança do nosso Deus” de Is 61,2b, que o Jesus de Lucas deixa propositadamente de proclamar»<sup>79</sup>, causa furor (cf. Lc 4,28). Porém, Jesus não abandona o Seu programa e começa a chamar os primeiros discípulos e a realizar prodígios que tornam o Reino de Deus iminente, já que Jesus é o profeta escatológico, esperado para os últimos tempos, que anuncia o julgamento de Deus e a iminência da mudança cósmica que assinalará a vinda do Reino de Deus<sup>80</sup>.

## 2.2. O caminho para Jerusalém

Como atrás foi referido, a perícopie em estudo insere-se na segunda grande parte do Evangelho de Lucas, que pode subdividir-se em várias secções. Nesta parte, as temáticas que sobressaem são a do caminho e a do Reino de Deus, transmitida através das parábolas. Convém salientar que Lucas, sendo o que contém o maior tesouro parabólico, situa a maior parte das parábolas na sequência da subida para Jerusalém<sup>81</sup>. Assim, esta secção pode subdividir-se nas seguintes partes:

I.	Promessas do Reino	9,51 – 13,21
II.	Condições para entrar no Reino	13,22 – 17,10
III.	A entrada no Reino	17,11 – 19,27

<sup>79</sup> J. C. das NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, p. 330.

<sup>80</sup> Cf. C. FLORISTAN, *Teologia Prática: teoria y praxis de la acción pastoral*, p. 41.

<sup>81</sup> Cf. D. MARGUERAT, *As Parábolas*, p. 6.

Esta segunda parte (da estrutura tripartida) vai de 9,51 a 19,28 e é intitulada *subida de Jesus a Jerusalém*. É precisamente no meio desta secção, bloco maior em que prepondera a temática do caminho<sup>82</sup>, que se encontra Lc 15,11-32. Sintetizando este bloco, sucintamente digamos que Jesus bem podia se deixar ficar na Galileia sem ir ao encontro dos problemas, mas sabe que o Seu destino tem que passar por Jerusalém e põe-Se a caminho, tendo a clara noção de que os seus dias estão a chegar ao fim. De facto, Jerusalém «era o centro do Judaísmo»<sup>83</sup> e a decisão de subir a Jerusalém é um momento crucial da história de Jesus, o sinal inequívoco da existência de uma mudança radical na compreensão que Jesus tinha da Sua missão e da Sua pessoa<sup>84</sup>.

No caminho para Jerusalém, não acontece somente uma peregrinação física por parte de Jesus, mas dá-se sobretudo uma peregrinação espiritual, porque está em jogo o processo salvífico onde acontece a salvação e Jesus toca num dos pilares do Judaísmo: o Templo, centro de culto. Deste modo, sabendo Jesus que o momento de dar glória a Deus na cruz se aproximava, a Sua pregação do Reino remete para a temática da vida e para a alegria da pessoa perdida e novamente salva, reencontrada, pronta para a vida verdadeira. Na verdade, é esta a lição profunda das três parábolas existentes no capítulo 15, e ainda da narração de Zaqueu de Jericó, homem “pequeno” e “rico”, que vivia triste, pelo menos até a salvação ter entrado em sua casa (cf. Lc 19,1-10)<sup>85</sup>. Com efeito,

«tudo o que Jesus faz e diz na segunda metade do Evangelho de Lucas leva a narrativa em direção à cruz. A parábola do filho pródigo não é exceção à regra. Os temas mais importantes sobre o perdão e a graça divina refletem a preocupação da mente e do coração de Jesus»<sup>86</sup>.

Embora a segunda parte do Evangelho de Lucas possa subdividir-se em três segmentos, fixar-nos-emos apenas no segundo (13,22 – 17,10), por ser o que inclui a nossa parábola. Nele

---

<sup>82</sup> Cf. R. A. MONASTERIO – Antonio R. CARMONA, *op. cit.*, p. 297.

<sup>83</sup> R. ASLAN, *O Zelota: A vida e o tempo de Jesus de Nazaré*, p. 237.

<sup>84</sup> Cf. J. J. BARTOLOMÉ, *El Evangelio y Jesús de Nazaret; Manual para el estudio de la Tradición Evangélica*, p. 148.

<sup>85</sup> Cf. J. C. das NEVES, *op. cit.*, pp. 335-336.

<sup>86</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 27.

serve de introdução à parábola a seguinte frase: «há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos» (Lc 13,30). De facto, contextualizando, reparamos que Jesus começa por provocar os fariseus e doutores da Lei, curando ao Sábado e deixando-os sem resposta (cf. Lc 14,1-6). Além disso, nesta parte sobressaem a humildade (cf. Lc 14,11) e os banquetes, onde os convidados principais devem ser «os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos» (Lc 14,13). São esses que aceitam e acolhem o convite (cf. Lc 14,15-24): precisamente os humildes e rejeitados aos olhos dos fariseus e doutores da Lei, além dos que têm também a humildade de se aproximarem de Jesus, como mostram os primeiros versículos do nosso capítulo. Saliente-se que

«é muito significativo que estes homens sejam sobretudo os pobres, carecidos de meios de subsistência, os que estão privados da liberdade, os cegos que não vêem a beleza da criação, os que vivem com a amargura no coração, ou então os que sofrem por causa da injustiça social e, por fim, os pecadores»<sup>87</sup>.

Por conseguinte, este aproximar-se de alguém poderá significar confiar/acreditar e Cristo está sempre ao lado de quem acredita n'Ele. Com efeito, «um convite é um elemento positivo, uma abertura à alteridade ou o encenar dessa possibilidade»<sup>88</sup>, e os marginalizados que se aproximam de Jesus sabem-no bem.

Será lícito pensar o Reino de Deus a partir de um banquete? Certamente, é de resto isso que Jesus faz através das Suas parábolas, onde os que normalmente são desprezados e excluídos assumem um lugar central, ao contrário daquilo a que estavam habituados. Portanto, através das parábolas, Jesus interpela a todos: ninguém está excluído da lista dos destinatários. Embora sejam dirigidas ao público em geral, os adversários de Jesus também se incluem nelas, pois, Jesus reforça, através deles, a Sua mensagem acerca do amor de Deus<sup>89</sup>, que está bem patente e é um dos temas de fundo da parábola central desta parte. De facto, se «todas elas convidavam

---

<sup>87</sup> JOÃO PAULO II, *Rico em Misericórdia: Carta Encíclica Dives in Misericordia*, 3.

<sup>88</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 18.

<sup>89</sup> Cf. G. THEISSEN – A. MERZ, *op. cit.*, p. 360.

a intuir a incrível misericórdia de Deus, a mais cativante é a do pai misericordioso»<sup>90</sup>. Além disso, «tornar presente o Pai como amor e misericórdia, constitui na consciência do próprio Cristo, ponto fundamental do exercício da Sua missão messiânica»<sup>91</sup>.

O coração dos primeiros destinatários do Reino endurecera e Lucas, no seu Evangelho, mais concretamente nesta secção, alerta os cristãos, prevenindo-os, nomeadamente, para o perigo do dinheiro. Assim, estes ensinamentos de Jesus não são uma doutrina, antes um programa que ilustra qual a vida justa aos olhos de Deus: uma vida que começa pelo reconhecimento da própria miséria, em que a justiça de Deus se opõe à justiça dos olhos humanos<sup>92</sup>.

Após este enquadramento, centramo-nos no capítulo 15 do Evangelho. Antes de passarmos à relação entre as três parábolas da misericórdia, apontamos duas atitudes distintas perante a pessoa de Jesus, que desenvolveremos melhor adiante. Assim sendo, de um lado, temos os cobradores de impostos e pecadores, os mais humildes que, na ótica dos fariseus, viviam longe da Lei, mas desejavam a salvação<sup>93</sup> e aproximavam-se Dele para o ouvir (cf. Lc 15,1); do outro, com uma atitude de murmúrio, temos os fariseus e doutores da Lei (cf. Lc 15,2), orgulhosos, cheios de si e achando-se superiores ao outro grupo, porque «tinham sabedoria que os colocava acima dos publicanos e dos pecadores, quase podíamos dizer que estavam acima do bem e do mal»<sup>94</sup>, eis porque desprezavam os primeiros (cf. Lc 18,9).

Perante estas atitudes radicalmente opostas, podemos questionar-nos: murmurariam os fariseus e doutores da Lei por Jesus os desprezar? Não. Jesus tanto convive com pecadores como com fariseus. Para Ele não há distinção, porque uns e outros fazem parte dos destinatários da Sua mensagem de misericórdia. Simplesmente, alguns, porque se sentem superiores aos

---

<sup>90</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 128.

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II, *op. cit.*, 3.

<sup>92</sup> Cf. E. CHARPENTIER – A. PAUL, *Evangelios Sinpticos y Hechos de los Apostoles*, pp. 238-239.

<sup>93</sup> Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, p. 360.

<sup>94</sup> A. PAVÍA, *O filho pródigo; quem procura Deus, encontra-O*, p. 9.

demais, não aceitam que Jesus acolha os inferiores, os débeis, os pobres, os pecadores, enfim, os marginalizados ou, na linguagem de Lucas, “os perdidos”.

Tendo este cenário por base para a compreensão das parábolas da misericórdia, podemos afirmar que, em forma de resposta, Jesus volta-se para este grupo com novas parábolas e contesta a sua atitude, por criticarem o facto de Ele acolher os pecadores<sup>95</sup>.

### 2.3. O Evangelho dos perdidos

Ao longo do Evangelho de Lucas, a mensagem de Jesus percorre todos os campos da existência cristã, desde «a oração, sinceridade, pobreza, conversão, misericórdia, renúncia, humildade, correção fraterna, responsabilidade e, sobretudo, o grande mandamento do amor»<sup>96</sup>. Além disso, é-nos mostrado que «Jesus é o Salvador dos que estavam perdidos»<sup>97</sup>, o que é evidente tanto na nossa parábola de trabalho, como nas duas que a antecedem, e ainda no encontro com Zaqueu. Saliente-se ainda que aqueles que são salvos – “encontrados” – por Jesus ficam cheios de alegria. Este é o caso de Zaqueu<sup>98</sup> e dos personagens das três parábolas da misericórdia do capítulo 15, que culminam com o convite à alegria da terceira parábola, explícita na realização de uma festa. Na verdade, ao contrário da primeira e da segunda parábolas, em que se menciona apenas a alegria, na terceira parábola refere-se que a alegria desemboca numa festa.

No Evangelho de Lucas, verificamos de facto uma certa afeição de Jesus pelos pecadores e publicanos “perdidos” (ἀπολωλοί), ao ponto de ser designado de «amigo de cobradores de impostos e de pecadores» (Lc 7,34). Assim, uma das narrações que integra esta “secção dos perdidos” ou “marginalizados” é a perícopie de Zaqueu (Lc 19,1-10), chefe dos

---

<sup>95</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 647.

<sup>96</sup> F. R. DARDER, *Lucas, Evangelista da ternura de Deus*, p. 31.

<sup>97</sup> «Jesús es el salvador de los que estaban perdidos», in A. STÖGER, *El Evangelio según San Lucas*, p. 146.

<sup>98</sup> Cf. G. RAVASI, *Quem és tu Senhor?*, p. 65.

cobradores de impostos e, portanto, “perdido” aos olhos dos fariseus e doutores da Lei. No entanto, apesar disso e da sua pequena estatura (cf. Lc 19,3), procura ver Jesus e recebe-O em sua casa «cheio de alegria» (Lc 19,6), um acolhimento que suscita murmúrio (cf. Lc 19,7). Salientemos que receber alguém em casa é acolher no coração, na intimidade e, desde logo, este receber Jesus em casa com alegria mostra a abertura de Zaqueu face à pessoa/novidade de Jesus.

De resto, o encontro de Jesus com a pessoa de Zaqueu provoca uma mudança que se expressa numa atitude concreta (cf. Lc 19,8), causa impacto, e uma vez mais nos é mostrado que aquilo que Jesus revela como decisivo para a existência: não é o cumprimento ou o incumprimento de uma lei exterior, mas a «relação com Deus que permite a transformação do homem, o perdão e a salvação»<sup>99</sup>. Além disso, «Jesus não era, de forma alguma, participante ou conivente com o pecado dos outros; estava apenas levando Seu ministério aos pecadores mais necessitados»<sup>100</sup>, porque «não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes» (Lc 5,31).

A mensagem principal, tanto em Lc 15 como Lc 19,1-10, é, portanto, que «Deus é misericordioso – e, além disso, Zaqueu também é filho de Abraão»<sup>101</sup>. Portanto, ninguém está excluído da salvação, nem mesmo os “perdidos”. Com Jesus, o paradigma da salvação, paradoxalmente, passa, em muitos casos, primeiro por aqueles, porque são os que tem a humildade de reconhecer as suas faltas e, por isso, são justificados (cf. Lc 18,14). Consequentemente, «a Sua salvação é oferecida a todos, mas em particular aos últimos»<sup>102</sup>, porque o arrependimento pregado por Jesus como condição da chegada do Reino não é uma mudança de mente ou de ideias, mas realização de um modo de vida evangélico. Este modo de vida, em que a conversão ou mudança do próprio eu (das suas onipotências e narcisismos), a conversão ou mudança da relação com o próximo (demasiado interessadas ou dominadoras), a

---

<sup>99</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 92.

<sup>100</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 34.

<sup>101</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus; oportunidade para um encontro*, p. 268.

<sup>102</sup> G. RAVASI, *op. cit.*, p. 62.

conversão ou a mudança das estruturas sociais e políticas (reduzidas ao poder e privilégios) e a conversão ou a mudança do mundo (alterado e pautado pela exploração dos outros) é denominação teológica da sociedade alternativa que Jesus propõe à humanidade<sup>103</sup>.

Assim, a afirmação de Jesus «hoje veio a salvação a esta casa, por este ser também filho de Abraão» (Lc 19,9) é dirigida a Zaqueu, mas também, à semelhança do capítulo 15<sup>104</sup>, aos que murmuravam (cf. Lc 19,7)<sup>105</sup>. O encontro de Jesus com Zaqueu é uma resposta à pergunta «quem pode salvar-se?» (Lc 18,26), formulada pelos que ouviam as parábolas de Jesus acerca das riquezas. Note-se que, através das parábolas, Jesus dá uma lição a quantos murmuram. Deste modo, ilustra e reforça a resposta: «o que é impossível aos homens é possível a Deus» (Lc 18,27), porque a lógica divina difere da humana. Olhá-la com mentalidade humana torna-a absurda, pois a lógica humana não percebe os desígnios de um Deus que se interessa em procurar os “perdidos”. Refira-se ainda que «estar perdido sintomatiza um estado precário, uma espécie de morte simbólica»<sup>106</sup>.

Convém, agora, compreender o murmúrio constante dos fariseus e doutores da Lei ao longo do Evangelho de Lucas. Neste âmbito, urge fazer referência à parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lc 18,9-14), a qual serve de base para uma melhor compreensão das atitudes e mentalidade dos dois grupos: os que murmuram e os que acolhem. São várias as semelhanças existentes entre a parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lc 18,9-14) e o capítulo 15, mais concretamente, a parábola do filho pródigo, como apresentamos no quadro seguinte:

---

<sup>103</sup> Cf. C. FLORISTAN, *op. cit.*, p. 44.

<sup>104</sup> Cf. Lc 15, 2-3.

<sup>105</sup> Cf. J. SCHMID, *op. cit.*, p. 412.

<sup>106</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 175.

<b>Parábolas sobre a misericórdia (Lc 15)</b>	<b>O fariseu e o cobrador de impostos (Lc 18, 9-14)</b>
(v. 2-3) «Mas os fariseus e os doutores da Lei murmuravam entre si, dizendo: “Este acolhe os pecadores e come com eles.” Jesus propôs-lhes, então, esta parábola:»	(v. 9) «Disse também a seguinte parábola, a respeito de alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais:»
(v. 11) «Disse ainda: Um homem tinha dois filhos».	(v. 10) «Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro, cobrador de impostos».
(v. 30) «e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes»	(v. 11) «O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: “Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos».
(v. 29) «Respondendo ao pai, disse-lhe: “Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua»	(v. 12) «Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo”».
(v. 20) «Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão» (v. 21) «O filho disse-lhe: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho”».	(v. 13) «O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador”».
(v. 32) «Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado».	(v. 14) «Digo-vos: Este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se humilha será exaltado».

Se observarmos aquilo que neste quadro se refere ao fariseu, verificamos que este apresenta muitas semelhanças com o filho mais velho. Por exemplo: embora se encontrem inseridos em contextos diferentes, ambos apontam os pecados/falhas do outro<sup>107</sup>; no caso do fariseu, os do cobrador de impostos; no do filho mais velho, o passado do seu irmão. Ambos – fariseu e filho mais velho – sentem-se superiores aos outros e veem-se como modelos a seguir, pois presumem não cometer falha alguma. Assim sendo, o fariseu jejuava e pagava o dízimo, e o filho mais velho afirma nunca ter transgredido ordem alguma de seu pai.

<sup>107</sup> Destaque-se que embora na parábola do filho pródigo se traduza – οὗτος – (v. 30) por “esse”, a verdade é que, segundo a obra: J. JEREMIAS, *Las parábolas de Jesús*, p. 161, a tradução mais correta é a usada na parábola do fariseu e do cobrador de impostos, uma vez que existe uma relação entre as duas parábolas e este οὗτος aparece nas duas parábolas num sentido depreciativo.

Encontramos, de igual forma, paralelos entre o cobrador de impostos e o filho mais novo, a saber: ambos reconhecem e confessam a sua condição de pecadores e, por isso, são justificados/perdoados, não porque tenham cumprido tudo a rigor, ao contrário do fariseu e do filho mais velho, mas porque, na sua humildade e pequenez perante Deus e o pai, reconhecem os seus pecados e se identificam como pecadores. No entanto, «em Jesus temos a superação da ideia de pecador aplicada restritivamente a singulares ou a grupos»<sup>108</sup>, o que é claro nas várias denúncias que Jesus faz, particularmente aos fariseus. De facto, «a cegueira dos fariseus não só os impedia de reconhecer em Jesus o Filho de Deus, como não lhes dava a possibilidade de reconhecerem os seus males e o seu pecado»<sup>109</sup>.

Entre as várias denúncias de Jesus relativas a este grupo, destacamos algumas, presentes no Evangelho de Mateus: «Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas, porque pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho e desprezais o mais importante da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade! Devíeis praticar estas coisas, sem deixar aquelas. Guias cegos, que filtrais um mosquito e engolis um camelo! Ai de vós, [...] porque limpais o exterior do copo e do prato, quando por dentro estão cheios de rapina e iniquidade! [...] Limpa antes o interior do copo, para que o exterior também fique limpo. [...] Sois semelhantes a sepulcros caiados: formosos por fora, mas, por dentro, cheios de ossos de mortos e de toda a espécie de imundície! [...] Por fora pareceis justos aos olhos dos outros, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade» (Mt 23,23-28).

Para concluir, refira-se que ambas as parábolas se assemelham claramente no conteúdo e mensagem: a do fariseu e cobrador de impostos (Lc 18,9-14) assenta no facto de uns se considerarem justos, confiando em si mesmos e desprezando os demais; no capítulo 15, a terceira parábola (do filho pródigo) surge porque, à semelhança da apresentada no capítulo 18, os fariseus e doutores da Lei, murmuravam por Jesus acolher e comer com os pecadores. Tendo

---

<sup>108</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 153.

<sup>109</sup> D. PEDROSO, *Festa do perdão*, p. 20.

como mensagem central um convite à humildade, as parábolas em apreço constituem uma resposta àqueles que confiavam demasiado em si mesmos e desprezavam os demais, murmurando e criticando Jesus pelo facto de Ele não respeitar o paradigma farisaico da purificação. De facto, Ele não guardava distância em relação aos pecadores e, deste modo, não se protegia da contaminação do pecado, misturando-se com os pecadores e encarnando a imagem de um Deus que «espera por nós de braços abertos»<sup>110</sup>.

Na verdade, mostrando a importância da humildade e do reconhecimento dos pecados como ponto de partida para a misericórdia, Jesus traça «o rosto do Seu discípulo e do próprio Deus»<sup>111</sup>: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6,36). Além disso, revela que Deus derrama a Sua compaixão e justiça sobre o pobre pecador que reconhece a perversidade das suas faltas e comportamento<sup>112</sup>. À semelhança das parábolas do filho mais novo (cf. 15,21) e de Zaqueu, em que este reconhece as suas faltas (cf. 19,8), também o cobrador de impostos, sendo um “perdido”, reconhece a sua miséria (cf. 18,13) e, deste modo, sente necessidade da misericórdia de Deus. Zaqueu constitui, portanto, uma síntese das parábolas da misericórdia, concretamente desta “secção dos perdidos” e “encontrados”, porque a mensagem principal que sobressai das parábolas da misericórdia (15), bem como desta parábola (18,9-14) e da perícopa de Zaqueu (19,1-10) é que «verdadeiramente “justo”, aos olhos de Deus não é o que cumpre a Lei a rigor, senão o que, confiando na misericórdia divina, reconhece a sua própria limitação e confessa sinceramente o seu pecado»<sup>113</sup>.

Em suma, se Jesus acolhe os publicanos e pecadores, “perdidos” e “marginalizados”, é porque o próprio Deus os aceita e quer, amando-os na situação de pecado, mesmo antes de qualquer conversão, porque o que realmente torna possível a conversão é esse amor divino<sup>114</sup>.

---

<sup>110</sup> PP FRANCISCO, *O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Torielli*, p. 17.

<sup>111</sup> G. RAVASI, *op. cit.*, p. 64.

<sup>112</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 856.

<sup>113</sup> «verdadeiramente “justo”, a los ojos de Dios no es el que cumple las observancias, sino el que, fiándose de la misericordia divina, reconoce su propia limitación y confiesa sinceramente su pecado», in J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 857.

<sup>114</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, pp. 675-676.

Recorde-se que grande parte daquilo que Jesus fez, isto é, a Sua missão, foi «procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19,10). Nesse sentido, o que Jesus fez por Zaqueu é também símbolo daquilo que quer fazer por todo o Israel, a saber: incluir os excluídos na salvação<sup>115</sup> a fim de levar de novo para casa todos os filhos perdidos<sup>116</sup>. Assim, «em relação aos pecadores regista-se, inclusive, a mais significativa das aproximações: Jesus morre como um pecador»<sup>117</sup>.

## 2.4. As parábolas da misericórdia

Após a breve apresentação de Lc 13,22 – 17,10, chegamos ao “coração” do Evangelho: o capítulo 15, intitulado habitualmente “Parábolas sobre a misericórdia”. De facto, ele oferece três parábolas que são uma resposta ao murmúrio do grupo dos orgulhosos (fariseus e doutores da Lei). Não sendo as únicas onde se assinala um recurso à “gramática da misericórdia”, também não correspondem a uma simples resposta ao murmúrio dos fariseus. Estas parábolas são, antes de mais, o protótipo do amor e da misericórdia de Deus para com os pecadores, no que constituem um apelo claro ao arrependimento e à conversão.

Além disso, uma vez que a temática da vivência da misericórdia percorre todo o Evangelho de Lucas, podemos dizer que talvez seja aqui que encontra o seu ponto culminante. De facto, «na história das eleições divinas, domina uma estranha dialética entre dois irmãos, uma dialética que permanece no Antigo Testamento como uma questão em aberto»<sup>118</sup> e, por isso, Jesus recupera esta temática, imprimindo-lhe um novo rumo à luz da misericordiosa compaixão divina.

Deste modo, as três parábolas acabam por constituir um discurso único. A resposta apologética e dialética de Jesus e a unidade são evidentes: reencontrar o que estava perdido e

---

<sup>115</sup> Cf. I. G. ACEBO, *op. cit.*, p. 508.

<sup>116</sup> Cf. H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 72.

<sup>117</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 154.

<sup>118</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 260.

de que, por sua vez, resulta uma alegria legítima. Assim se compreende que a comensalidade (v. 2) se articule com o reencontro (v. 6, 9, 24 e 32)<sup>119</sup>. Além disso, as três parábolas do capítulo 15 formam parte integrante de uma unidade mais ampla, dentro da narração da viagem de Jesus a Jerusalém, que começa neste capítulo e se prolonga até ao final do relato; desde logo, até 19,10, fim da narração especificamente lucana, e provavelmente até à conclusão da viagem com a entrada em Jerusalém, sendo o conjunto desta secção denominado como “o Evangelho dos marginalizados”<sup>120</sup>, ou “dos perdidos e encontrados”.

Na primeira parábola (15,4-7), sobressai a alegria de um homem que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, deixa as noventa e nove e sai à procura da perdida e, ao encontrá-la, convida os amigos e vizinhos a alegrarem-se com ele. Para o efeito, Jesus lança mão da imagem usada pelo profeta Ezequiel, mostrando o cuidado e o zelo que o pastor (Deus) tem pelas suas ovelhas, procurando a perdida, reconduzindo a desgarrada, cuidando da que está ferida e fortalecendo a fraca (cf. Ez 34,15-16). Esta parábola de Jesus é paradoxal, na medida em que quase ninguém correria o risco de ir à procura de uma ovelha, deixando noventa e nove para trás. Acaso «não seria uma loucura arriscar desse modo a sorte de todo o rebanho? Valeria a ovelha perdida mais que as outras noventa e nove»<sup>121</sup>?

Efetivamente, a temática da alegria, central nesta parábola e nas outras duas, surge como sinónimo da salvação porque «haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão» (Lc 15,7).

Por conseguinte, a ovelha perdida tem, para o pastor, tanto ou mais valor que as restantes ovelhas, porque “estava perdida e foi encontrada” e o dever do pastor é o de manter o seu rebanho reunido num local seguro e sair à procura da ovelha perdida. Esta imagem do pastor é um protótipo da «compaixão e uma ilustração de graça divina no modo como o pastor “coloca-a alegremente nos ombros e vai para casa”»<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 28.

<sup>120</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 648.

<sup>121</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 145.

<sup>122</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 46.

Da segunda parábola, (15,8-10), avulta, novamente, a temática da alegria, neste caso, de uma mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma, varre a casa e, ao encontrá-la, convida as amigas e vizinhas a alegrarem-se com ela. À semelhança da primeira parábola, termina ainda com a alegria de Deus por um só pecador que se converte (cf. 15,10). Saliente-se que uma dracma equivaleria a um denário, cerca de o ganho de um dia de trabalho. Então, «Jesus voltava a insistir na mesma ideia: para entrar no Reino de Deus era importante que todos sentissem como sua a preocupação de Deus pelos perdidos e a sua alegria por recuperá-los»<sup>123</sup>.

Na terceira parábola, sobre a qual incide a nossa análise, à semelhança das duas que a antecedem, destaca-se também a alegria. No entanto, neste caso a alegria não é simplesmente a de encontrar uma ovelha em cem, ou uma dracma em dez, mas de um pai que, tendo dois filhos, reencontra o “filho perdido”. Refira-se que a temática da alegria, central no Evangelho de Lucas, aparece neste capítulo oito vezes (vv. 5. 6. 7. 9. 10. 23. 25 e 32). Assim, «o resultado fala por si. Cristo veio para “evangelizar”, ou seja, para comunicar um alegre anúncio de libertação»<sup>124</sup> e o Seu ministério «incorporava uma verdade que estava além da compreensão da maioria das pessoas: Deus recebe os pecadores arrependidos com alegria e felicidade incontidas»<sup>125</sup>. Portanto, se a parábola da *ovelha perdida* (15,1-7) apresenta o Deus da ternura que vai à procura do discípulo que se perdera pelo caminho, e a da *dracma perdida* (15,8-10), a preferência de Deus pelos mais pequenos e por todos os que se “perdem”, a do *filho pródigo* amplia a perspectiva das anteriores, mostrando um Deus Pai que acolhe, sem desistir, e que perdoa sempre, sem impor condições<sup>126</sup>. Além disso, verificamos que, nas três parábolas, uma das temáticas principais, senão mesmo a principal, é a da procura, ou seja, há sempre alguém que vai à procura de algo ou que reencontra alguém: o pastor que vai à procura da *ovelha perdida*, a mulher que varre a casa e procura a *dracma perdida* e o pai que reencontra o seu

---

<sup>123</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 146.

<sup>124</sup> G. RAVASI, *op. cit.*, p. 65.

<sup>125</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 47.

<sup>126</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, p. 45.

*filho perdido*. Sendo o culminar das duas que a antecedem, a terceira parábola não trata de dinheiro ou de um animal, mas de um filho que volta a adquirir a dignidade perdida.

Antes de analisar a parábola do “pai misericordioso”, reparemos na ordem em que as três parábolas do capítulo 15 são apresentadas e atentemos no critério da proporcionalidade. Num primeiro caso, temos uma ovelha perdida em cem; a seguir uma dracma em dez e, por fim, um filho em dois. Qual será a intenção de Lucas ao apresentar três parábolas semelhantes por esta ordem? De facto, a parábola da dracma repete a da ovelha perdida, mas a do filho pródigo amplia a perspectiva das duas que a antecedem, sendo inclusivamente a mais extensa das três. Este fenómeno de ampliação tem um efeito inesperado: não dilui a solução do problema numa generalização desmobilizadora, mas afeta, na sua subjetividade, tanto o filho mais velho, como os que murmuravam (vv. 28-30), os doutores da Lei e fariseus (v. 2)<sup>127</sup>.

Quer-nos parecer, por um lado, que a intenção de Lucas, ao apresentar três parábolas semelhantes, mas com diferentes valores, é a de mostrar o valor incalculável que a pessoa humana tem para Deus, particularmente aquela que aos olhos dos que a rodeiam está completamente perdida e quase sem saída. Por outro, enquanto na primeira e segunda parábolas a alegria é enquadrada no âmbito pessoal: “alegrai-vos comigo” (συγχαρήτε μοι), na do filho pródigo a alegria é comunitária, ou porventura mais abrangente: “alegremo-nos” / «festejemos»<sup>128</sup> (εὐφρανθῶμεν [cf. v. 23]). Este “alegremo-nos” não é o mero “alegrai-vos comigo”; mas ultrapassa-o, porque se trata de um filho que «estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado» (15,24). Por conseguinte, ninguém pode ficar indiferente; o reencontro é motivo de alegria para todos aqueles que o rodeiam. A isto acresce que se na primeira e na segunda parábolas é referida a intenção de se fazer uma festa, na terceira a festa acontece e com prontidão: «trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o

---

<sup>127</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 29.

<sup>128</sup> *Novo Testamento Interlinear, Grego – Português*, p. 293.

dedo e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete» (15,22-23).

Será verdade que «os publicanos e as prostitutas, os marginalizados e os pecadores, de tão pouco valor para certos líderes religiosos, eram tão queridos de Deus? Jesus já não encontrava outra maneira de convidar a gente a alegrar-se e a desfrutar a misericórdia de Deus»<sup>129</sup>. Para Deus, nunca ninguém está perdido, por pior que seja a sua situação. Ele perdoa sempre, como é ilustrado pela parábola do Pai misericordioso. Portanto, uma das mensagens principais da referida parábola é a de que todas as pessoas, ainda que rejeitadas pelo mundo, podem ser perdoadas se se arrependem<sup>130</sup>.

Detenhamo-nos agora na figura do Pai que acolhe o seu filho. Por que razão Lucas colocou esta parábola em último lugar e não no primeiro? Não sabemos, mas, analisando a relação entre as três parábolas, verificamos que ao pai tanto pode ser associado o papel do bom pastor, da primeira parábola; como o da mulher, da segunda parábola, cujas entranhas se comovem.

Sublinhe-se que Lc7, 13, o próprio Jesus se comove, tendo compaixão de uma mãe que acabara de perder o seu filho único. Não é sem razão que Lucas, no Evangelho da misericórdia, utiliza o verbo “compadecer-se” (σπλαγχνίζομαι) com alguma frequência (cf. 1, 78; 7, 13; 10, 33; 15, 20).

Concluindo, a terceira parábola sintetiza as duas anteriores pelas razões acima apresentadas e consiste numa reprovação da atitude dos líderes religiosos, que sentiam um desprezo amargo pelos pecadores e se ressentiam do ministério de Jesus, cujo objetivo era a alegria de Deus<sup>131</sup>.

---

<sup>129</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 147.

<sup>130</sup> Cf. J. KNIGHT, *Luke's Gospel*, p. 121.

<sup>131</sup> Cf. J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 52.

### 3. Estrutura da parábola

O género literário de Lc 15,11-32 é evidente: trata-se de uma parábola. No entanto, não o é simplesmente, o que se torna perceptível tanto pelo conteúdo como pelo número de versículos que comporta. Além disso, não é uma alegoria, mas uma história retirada do quotidiano, como mostra a (perifrástica) designação de Deus nos versículos 18 e 21: «Pai, pequei contra o Céu (alusão a Deus) e contra ti». O pai não é, pois, Deus, mas um pai terreno; no entanto, ele manifesta traços que nos permitem afirmar que o seu amor é uma imagem de Deus<sup>132</sup>.

Antes de nos focarmos na estrutura da nossa parábola de trabalho, convém perceber o que se entende por parábola, qual a sua finalidade, sendo que existem vários tipos de parábolas. De grande importância nos Evangelhos, as parábolas podem ser entendidas como sentenças figurativas, cujo sentido não se esgota nelas mesmas, mas vai além do texto, propositadamente significativo e simbólico<sup>133</sup>. Assim, constituem um discurso cujo alcance ultrapassa o sentido imediatamente perceptível. A parábola é então, por excelência, uma forma linguística que diz mais do que diz. Deste modo, não tem um fim em si mesma, nem se esgota, simplesmente, no contar. A «palavra parábola é transliterada de uma palavra grega que se refere, no sentido literal, a uma coisa colocada ao lado de outra com o objetivo de assinalar a semelhança»<sup>134</sup>, o que inscreve desde logo nela um poder de sugestão, a saber: o de suscitar, além de si mesma, uma verdade que é mistério<sup>135</sup>. Saliente-se ainda que as parábolas que têm como objeto a mensagem da salvação em sentido estrito – provavelmente sem exceção – foram transmitidas não aos pobres, mas aos inimigos. Esta é a sua nota especial, a sua situação vital: não são uma apresentação do Evangelho, mas a defesa, a justificação e poderosas armas na luta contra os críticos e inimigos da Boa Nova, que se revoltam com a pregação de Jesus e se escandalizam

---

<sup>132</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Las parábolas de Jesús*, p. 158.

<sup>133</sup> Cf. J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 14.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>135</sup> Cf. D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 9.

por Ele se sentar à mesa com os desprezados pela sociedade<sup>136</sup>. Na verdade, «sentar-se à mesa com alguém foi sempre uma prova de respeito, de confiança e de amizade. Não se comia com qualquer um. Cada um comia com os seus. Partilhar a mesma mesa queria dizer que se pertencia ao mesmo grupo»<sup>137</sup>.

Finalmente, as parábolas são ainda um convite a quem as ouve a fazer um caminho, uma vez que há uma verdade que deve ser entendida, «a parábola encerra um paradoxo»<sup>138</sup>.

Após esta contextualização, apresentamos um estruturação da parábola em estudo dividindo os versículos e partes a partir da história de cada um dos filhos, embora seja o pai o protagonista principal, como abordaremos mais adiante<sup>139</sup>.

<b>1) A história do filho mais novo: 15,11-24</b>	<b>2) A história do filho mais velho: 15,25-34</b>
a) Introdução: v. 11	A) Ressentimento: vv. 25-28a
b) A saída: v. 12	B) Protesto: vv. 28b-30
c) Uma vida dissoluta: v. 13-15	C) Explicação do pai: alegria pelo arrependimento: vv. 31-32
d) As suas consequências: v. 16	
e) Conversão e regresso: vv. 17-21	
f) Acolhimento do pai: vv. 22-24	

Depois da apresentação da estrutura e de um caminho desde a globalidade do Evangelho de Lucas à parábola do Pai misericordioso, elencamos as temáticas teológicas a trabalhar no subcapítulo que se segue, mostrando a marca idiossincrática do evangelista identificado como o autor de Lc 15,11-32.

<sup>136</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Las parábolas de Jesús*, p. 154.

<sup>137</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 206.

<sup>138</sup> D. MARGUERAT, *op. cit.*, p. 9.

<sup>139</sup> A estrutura é retirada da obra de: I. M. ACEBO, *op. cit.*, p. 432.

## 4. A marca lucana na perícopre

A narrativa específica que nos ocupa, sendo o coração das parábolas da misericórdia, é exclusiva de Lucas e diz-nos muito acerca do autor do terceiro Evangelho. Na verdade, «Lucas é o evangelista da ternura de Deus. O autor que com mais delicadeza nos apresenta as entranhas do Pai: Deus é misericórdia»<sup>140</sup>. Não estando preocupado em fazer uma biografia de Jesus, Lucas conta uma experiência de fé e quer anunciá-la. Não nos apresenta um Jesus à distância, mas o Senhor da misericórdia, e propõe aos leitores segui-Lo, levando a sua cruz de cada dia<sup>141</sup>, mostrando que a exigência da misericórdia «faz parte da própria essência da mensagem messiânica e constitui a medula do “*ethos*” evangélico»<sup>142</sup>.

É por esse motivo que, tanto nesta perícopre, como no restante Evangelho, Lucas abre as portas ao pecador arrependido. Portanto, no conjunto do seu Evangelho, esta narrativa é um exemplo da “proclamação do ano da graça do Senhor” (cf. Lc 4,19 e Is 61,2a) e a missão de Jesus consiste em anunciar aos oprimidos a boa notícia da libertação<sup>143</sup>, sendo que esta boa notícia «levanta e salva o homem caído»<sup>144</sup>. Porém, a parábola do filho pródigo não se restringe apenas à proclamação da Boa Nova aos pobres, mas, essencialmente, é uma justificação da Boa Nova aos que a criticam, demonstrando a grandeza do amor ilimitado de Deus<sup>145</sup> que, com Jesus, «faz entrar em crise as velhas categorias, as etiquetas moralistas, as catalogações legais, os procedimentos autojustificantes»<sup>146</sup>.

Ao examinarmos o Evangelho de Lucas, observamos que, com frequência, o evangelista utiliza a palavra “misericórdia”, explicitamente logo no primeiro capítulo e de forma implícita ao longo do Evangelho. Na verdade, talvez a misericórdia atinja o seu ápice, precisamente, na

---

<sup>140</sup> F. R. DARDER, *op. cit.*, p. 43.

<sup>141</sup> Cf. *Ibidem*, p. 23.

<sup>142</sup> JOÃO PAULO II, *op. cit.*, 3.

<sup>143</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 675.

<sup>144</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 38.

<sup>145</sup> Cf. J. JEREMIAS, *Las parábolas de Jesús*, p. 162.

<sup>146</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 91.

perícopo Lc 15,11-32, ao evidenciar o amor e a ternura de Deus, simbolizado na figura do Pai para com os seus amados filhos.

O Deus misericordioso e o perdão oferecido por Cristo, o Senhor que liberta a partir da misericórdia, constituem os temas fundamentais do terceiro Evangelho, assim como as temáticas da salvação, da alegria, da pobreza e da oração<sup>147</sup>. Com efeito, esse perdão oferecido por Deus, através de Cristo, causa alegria, ou seja, torna-se contagiante, porque Jesus Cristo, «sentindo-se na pele das suas ovelhas, convida-as, exorta-as a viver a alegria que dEle recebeu»<sup>148</sup>, uma alegria mútua que na perícopo Lc 15,11-32 se manifesta na alegria do pai aquando o regresso do filho, que recebe da forma mais improvável aos olhos do filho, com uma festa (cf. v. 23). Efetivamente, «um pai não poderia proceder de outra forma, perante um caso assim; senão, não seria pai»<sup>149</sup>.

Em síntese, Lc 15,11-32 constitui uma obra-prima na qual Lucas desenhou com mestria o ícone do amor de Deus por nós<sup>150</sup>. Trata-se igualmente de um bom e belo resumo da mensagem de Jesus, ao abordar temáticas fundamentais da vida humana, constantemente inseridas na tensão existente entre o pecado e a graça.

No capítulo que se segue, são analisadas as temáticas que a parábola aborda, partindo dos dois filhos e suas atitudes, passando pelo amor e misericórdia do pai, e terminando na festa que este prepara, “ícone do banquete celeste e símbolo pleno da sua alegria e hospitalidade”.

---

<sup>147</sup> Cf. G. RAVASI, *op. cit.*, pp. 61-67.

<sup>148</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 144.

<sup>149</sup> «Un padre no podía proceder de otra manera, en un caso así; si no, no sería padre», in J. SCHMID, *op. cit.*, p. 366.

<sup>150</sup> Cf. D. ATTINGER, *op. cit.*, p. 423.

---

**III CAPÍTULO**  
**A TEOLOGIA DE LC 15,11-32**

---

### III. A teologia de Lc 15,11-32

Do nosso texto de trabalho, sobressai antes de mais a figura do pai misericordioso. De resto, se este texto é um dos mais belos de todo o NT, como defendem vários autores, tal fica a dever-se, precisamente, à figura deste pai, símbolo de imensa misericórdia, pela sua capacidade de perdoar e acolher, ou, essencialmente, pelo «drama profundo que se desenrola entre o amor do pai e a prodigalidade e o pecado do filho»<sup>151</sup>. Efetivamente, este pai talvez seja a melhor imagem que temos de Deus em toda a Sagrada Escritura, porque «Deus é amor» (1 Jo 4,8) e este amor «é dom, liberalidade. É *hesed*, misericórdia»<sup>152</sup>.

Tendo como base Lc 15,11-32, procedemos agora à análise do percurso que vai desde a liberdade que o pai concede aos seus filhos até à alegria do pai que culmina numa festa, onde todos são chamados a participar, nem que seja como simples servos. Neste âmbito, abordamos ainda o acolhimento do pai nos seus gestos, que mostram ser de uma qualidade que vai muito além daquilo que seria o normal, porquanto são delineados pelo perdão, que gera a vida, e pela alegria contagiante, que ultrapassa a dimensão individual ao abranger todos em redor. O mesmo é dizer que esta alegria não se fecha em si mesma, mas é partilhada.

Importa mencionar ainda que, sendo o principal tema que atravessa o texto, a misericórdia é aqui entendida numa perspetiva abrangente, sugerindo ao leitor as atitudes a ter para que ela encarne. Outros temas que atravessam este texto são: o pecado e o perdão, a desobediência e a obediência, os quais adiante trabalharemos. Finalmente, apresentamos a análise de elementos textuais significativos, dada a abrangência e complexidade do texto.

Começamos por abordar a liberdade que o pai concede aos seus filhos. Neste âmbito, note-se que apenas o filho mais novo usa de forma absoluta, e até abusiva, tendo caído no extremo de nem sequer lhe ser possível matar a fome com a comida dos porcos (cf. Lc 15,16).

---

<sup>151</sup> JOÃO PAULO II, *op. cit.*, 5.

<sup>152</sup> R. CANTALAMESSA, *O rosto da misericórdia*, p. 13.

## 1. O pecado dos filhos

Como constatamos no primeiro capítulo, quando abordamos as heranças e a forma como eram repartidas, o gesto de pedir a herança ao pai não era muito bem visto na sociedade judaica, a não ser em casos muito restritos. Todavia, na parábola o filho mais novo o fã-lo (cf. v. 12) e o pai, nesse momento, reparte os bens pelos dois filhos (cf. v. 13).

Ao repartir os bens em vida (ἐπιβάλλον μέρος τῆς οὐσίας. ὁ δὲ διεῖλεν αὐτοῖς τὸν βίον [cf. v. 12]), o pai oferece a ambos os filhos a possibilidade de traçarem o seu caminho. Assim sendo, esta dádiva de liberdade é simultaneamente vida: como se o pai se desse a si mesmo, ao dar-lhes a herança. Na verdade, ao dar o que possui, fruto de toda a sua vida, o pai dá-se a si mesmo, a fim de que os filhos vivam.

Assim se compreende que, neste pai, é mostrado que Deus

«respeita a nossa liberdade e a sua expectativa não é a de um parceiro possessivo, de um rival que não nos permite um espaço de criatividade e de respiração. A relação com Deus não é uma gaiola, mas abertura para uma amplitude sempre maior. Deus espera por todos»<sup>153</sup>.

Ora, o pai da parábola respeita a liberdade dos seus filhos e dá-lhes até a possibilidade de a realizarem, oferecendo-lhes aquilo que é seu. Deste modo, para além de serem livres, os filhos têm ainda a possibilidade de traçar um itinerário de vida e é o que fazem.

### 1.1. O filho mais novo: uma liberdade mal-entendida

Ao pedir a herança, o filho mais novo fez com que o pai repartisse os seus bens em vida, um gesto nada digno de um filho, na sociedade judaica. Na verdade, este gesto, provindo de um filho que nem sequer era o primogénito, poderia ser interpretado como um abuso, porque, de

---

<sup>153</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum Caminho será Longo: para uma teologia da amizade*, p. 17.

certa forma, correspondia ao desejo de morte do pai<sup>154</sup>. No entanto, «o pai repartiu os bens entre os dois» (v. 12), ou seja, ainda que aquele gesto do filho mais novo pudesse corresponder a um desejo de ver o seu pai morto, o pai, ao dar-lhes a herança, dá a liberdade a ambos de escolher o seu caminho, tal como Deus nos dá a liberdade de escolher entre «a vida e o bem, a morte e o mal» (Dt 30,15).

Na realidade, o pai deve calcular o que vai fazer o filho mais novo com a herança obtida, mas deixa-o seguir pelo seu caminho, respeita a sua escolha porque respeita a sua liberdade. Quanto a este gesto do filho, «não se avançam razões para a sua decisão. Talvez os motivos devam ser buscados no desejo de autonomia que funda a construção pessoal. Ele precisava de espaço»<sup>155</sup>, mas, ao mesmo tempo, o «seu pedido pelo adiantamento da herança revela como a rebeldia estava enraizada em seu coração»<sup>156</sup>. Por conseguinte, podemos inferir que cabe a nós escolher. Na verdade, criados à *imagem e semelhança* de Deus (cf. Gn 1,26), somos livres e ainda que o âmbito da nossa liberdade se situe entre a fidelidade e a rebeldia em relação a Deus, «a liberdade humana só se realiza plenamente, só é verdadeira liberdade, na medida em que se decide pela vontade divina. A verdadeira liberdade é a liberdade de fazer o bem e de nos mantermos firmes no bem»<sup>157</sup>, já que foi para a liberdade que fomos chamados, mas uma liberdade pautada pelo amor, através do serviço e da entrega (cf. Gl 5,13-14). Assim sendo,

«cada homem e mulher que venha a este mundo deve aprender, por isso, e desde muito cedo, a conquistar e a realizar a própria liberdade, conjugando a vida na voz ativa, dizendo de si e jogando-se em cada passo que der, como se tudo tivesse de ser arduamente interpretado, conquistado e justificado»<sup>158</sup>.

A parábola do pai misericordioso é, portanto, um espelho, por nela podermos encontrar o nosso retrato de filhos desobedientes refletido na «necessidade de liberdade do filho mais

---

<sup>154</sup> Cf. I. G. ACEBO, *op. cit.*, p. 433.

<sup>155</sup> J. T. MENDONÇA, *A mística do instante; O tempo e a promessa*, p. 70.

<sup>156</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 61.

<sup>157</sup> F. M. DíEZ, *Crer em Jesus Cristo / viver como cristão: Cristologia e seguimento*, p. 355.

<sup>158</sup> J. F. CORREIA, *A Fé vive de afeto; variações sobre um tema vital*, p. 32.

novo, os seus sonhos sem muito chão, o seu idealismo, a sua fantasia de onnipotência»<sup>159</sup>. Então, «o jovem é uma ilustração clássica de uma pessoa não disciplinada, que desperdiça a melhor parte da sua vida satisfazendo prazeres extravagantes e se torna escravo de sua luxúria e seu pecado»<sup>160</sup>. Por conseguinte, Deus, como este pai, permite todas as situações extremas por que possamos enveredar, «para assim se manifestar como o único que pode dar resposta e devolver ao ser humano a vida que perdeu»<sup>161</sup>. Isso não quer dizer que Ele não nos ame mas, precisamente porque nos ama, que nos concede a liberdade de escolher um rumo para a vida, já que «a expectativa de Deus é que, na autonomia e na singularidade que somos, possamos viver uma vida bela, arriscar uma vida autêntica»<sup>162</sup>.

Eis que «poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua» (v. 13), ou seja, optou por fazer o seu caminho. E o pai permite-o porque o ama e o amor dá espaço à liberdade de decidir, ainda que essa decisão não seja a mais correta. O que aqui está em jogo é a realização e a procura da felicidade e «o que a parábola ressalta é que o filho tratou mal o pai, que a relação entre o filho e o pai foi manchada pela desconfiança, porque o filho acreditou que se encontraria melhor na libertinagem»<sup>163</sup>. O mesmo é dizer que o filho mais novo sai de casa em busca de algo maior do que aquilo que tinha em casa do pai, traçando um caminho próprio que, apesar de inseguro, o impele a confiar em algo que está além de si mesmo e que constitui o motivo de partir para uma terra longínqua. Porém, o caminho que traça é pautado pela dispersão, não só da herança, mas essencialmente da própria vida, através do pecado. Com o gesto de pedir a herança e, de seguida, esbanjá-la numa vida desregrada (cf. v. 13), o filho mais novo mostra por um lado desprezo pelo seu pai, ao deixá-lo e não corresponder ao seu amor, e por outro, desrespeito pela «herança e tudo o que a família tinha acumulado

---

<sup>159</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 55.

<sup>160</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 61.

<sup>161</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 27.

<sup>162</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum Caminho será Longo: para uma teologia da amizade*, p. 18.

<sup>163</sup> C. M. MARTINI, *Quem é Jesus?*, p. 40.

durante gerações»<sup>164</sup>. Nesta via de realização pessoal, o pai deixa de ter lugar, pois o filho parte «para uma terra longínqua» (v. 13), crendo que a felicidade que buscava ou idealizava passaria pelo distanciamento do pai e de casa.

Deixar a casa, significa deixar de ter proteção. Isto é de tal modo simbólico, que indica uma mudança de estado: passar a viver como “perdido” porque o lar é o coração, o centro onde se molda a própria identidade. Além disso, «no Judaísmo, a casa era o lugar de transmissão da fé e da celebração de certos ritos religiosos, especialmente a ceia pascal»<sup>165</sup>.

Com efeito, o projeto que Deus tem para cada um de nós atinge o seu ponto culminante quando desejamos «habitar na casa do Senhor todos os dias» (Sl 27,4). No entanto, o filho mais novo, desejando realizar-se, vai em busca da felicidade, deixando a casa do pai, isto é, ficando livre da sua vigilância. Sendo a família um dos pilares da cultura judaica, com um papel fulcral na construção do indivíduo, «abandonar a família era um ato muito grave. Significava perder a vinculação ao grupo protetor e à aldeia. Por isso, deixar a família de origem era uma decisão estranha e arriscada»<sup>166</sup>, censurável aos olhos da cultura de então e vergonhosa até para o pai, que era a figura de autoridade da casa e do núcleo familiar. De facto, o normal a fazer depois de aquele pedido do filho era o pai considerar o filho como morto e envergonhá-lo, já que a Lei de Moisés prescrevia a morte a pedradas para filhos incorrigíveis (cf. Dt 21,18-21)<sup>167</sup>. Além do mais, qualquer pai com o mínimo de respeito por si próprio, vivendo naquela cultura, consideraria necessário desonrar o filho em público, esbofeteando-o no rosto; «acusá-lo diante de todos; deserdar o filho; e, talvez, organizar um funeral. Era a única maneira de evitar que o rapaz manchasse o nome da família»<sup>168</sup>. Assim se percebe que o pai retratado neste texto é uma figura que contrasta radicalmente com o que seria expectável de um pai típico desta época.

---

<sup>164</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 69.

<sup>165</sup> «en el judaísmo, la casa era lugar de transmisión de la fe y de celebración de ciertos ritos religiosos, especialmente la cena pascual», in C. FLORISTAN, *op. cit.*, p. 70.

<sup>166</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 43.

<sup>167</sup> Cf. J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 64.

<sup>168</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 68.

Quando decide deixar o lar, o filho realiza «uma traição aos valores da família e da comunidade. O “país distante” é o mundo onde se ignora tudo o que em casa se considera sagrado»<sup>169</sup>. Apesar de o pai permitir isto, respeitando a decisão do filho porque é livre, não corta relações com ele, nem perde a esperança de que este seu filho, mais tarde, volte a casa. Tanto assim é que, quando o filho volta, o pai divisa-o de longe (cf. v. 20). Na verdade,

«o seu pai, que é a figura de Deus, já o via quando estava a guardar os porcos. Nunca deixou de estar presente em todas as fases más da sua vida. Não era estranho à sua situação de fraqueza, de opressão. Os seus olhos seguiam cada um dos seus passos que tendiam para o auto aniquilamento»<sup>170</sup>.

Saliente-se, então, a atitude do pai: deixa-o partir, mas na esperança de que ele volte e perceba que a felicidade por que optou não é a verdadeira felicidade, porque o levará à perdição e à morte. O pai não corta relações com ele, não fecha as portas de casa: embora o filho esteja ausente, o pai está com ele, porque o ama.

Embarcando num mundo de ilusões terrenas e decidindo partir para uma terra longínqua, onde gasta a herança numa vida desregrada, o filho mais novo «começou a passar privações» (v. 14) e depressa se dá conta de que o seu projeto de felicidade, em que a morte do pai se torna evidente, não o leva à verdadeira felicidade e liberdade, mas à morte e perdição. Sublinha-se, por isso, que a decisão de partir tomada pelo filho não é do âmbito da liberdade, mas do livre arbítrio, sendo uma escolha pessoal ante o pai que lhe dá, efetivamente, liberdade para ele decidir por si o seu destino. Por consequência, o filho mais novo sente-se, pura e simplesmente, livre e autónomo, dono da sua própria história, capaz de conquistar o seu próprio destino. Portanto, «o seu engano foi assentar numa resolução individual da vida, sem ter a figura do outro no horizonte, sem ter amanhã»<sup>171</sup>. De facto,

«o homem que entende a liberdade como puro arbítrio, podendo fazer o que quer e ir aonde lhe apetece, vive na mentira, já que ele, por sua própria natureza, é parte de uma reciprocidade: a

---

<sup>169</sup> H. NONWEN, *op. cit.*, p. 48.

<sup>170</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 77.

<sup>171</sup> J. T. MENDONÇA, *A mística do instante; O tempo e a promessa*, p. 70.

sua liberdade é uma liberdade que deve ser partilhada com os outros. A sua própria natureza traz inscrita em si mesma disciplina e norma; identificar-se intimamente com estas: tal é a liberdade. Por isso, uma falsa autonomia leva à escravidão: a história não cessa de no-lo demonstrar de maneira demasiado evidente»<sup>172</sup>.

Deste modo, enquanto na casa do pai, provavelmente, não faltava nada, este filho, agora, porque decidiu matar o pai da sua vida, vive como um miserável que nem sequer é digno de comer a comida dos próprios porcos (cf. v. 16).

Portanto, este afastamento acaba por corresponder ao seu fracasso que se vai anunciando pela carência progressiva<sup>173</sup>. O que leva este filho à miséria total não é senão o seu projeto de liberdade carnal pautado por uma felicidade egoísta de realização pessoal, em que «o chegar a tocar o fundo é um acontecimento de graça, é um choque para despertar»<sup>174</sup>. Naturalmente, se este filho tivesse optado por uma vida digna, vivendo a verdadeira liberdade que é o optar pelo bem e não pelo mal, não teria chegado à condição miserável a que chegou, nem teria ferido o pai. De facto, impõe-se uma distinção: a felicidade que o filho projetou difere da felicidade que o pai queria que o filho vivesse. Enquanto a felicidade do filho passa pela realização dos desejos mundanos, a felicidade do pai rege-se pelo dom da verdadeira liberdade, que é a que realmente confere sentido à própria existência.

No entanto, nada está perdido para o filho. Ainda que tenha chegado ao extremo, não é o fim. Deste modo, verificamos que

«o filho mais novo alimenta uma vontade enorme de autonomia, e isso é normal e saudável. Cada um de nós para crescer também teve de afirmar-se como pessoa, tomar conta da sua vida, agarrar nas mãos o seu destino, ganhar espaço. Mas, ao mesmo tempo, faz tudo isto, não em diálogo, mas em rutura»<sup>175</sup>.

---

<sup>172</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 261.

<sup>173</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 60.

<sup>174</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 31.

<sup>175</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 55.

Desde logo, o filho chega à conclusão que afinal o seu projeto de felicidade fracassa, as suas dependências mundanas criaram uma expectativa que o levou a uma desilusão e o preço a pagar por isso é caro: é a própria vida e dignidade que aqui então em jogo.

Portanto, «tinha deixado a sua casa cheio de orgulho e de dinheiro, resolvido a viver a própria vida longe do pai e da comunidade»<sup>176</sup> e, depois de perder tudo, começando até a passar fome, este filho cai em si, dizendo: «quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome» (v. 17). Incrivelmente, foi nesta fase, em que nem sequer era digno do alimento dos animais impuros, que o filho mais novo se apercebeu de que a sua dignidade estava perdida: não só a tinha perdido, como se tinha «desligado tanto do que realmente dá vida – família, amigos, conhecidos, comunidade e até alimentação – que deu conta de que o passo seguinte seria a morte»<sup>177</sup>. A sua situação não é, todavia, mais do que aquilo que seria de prever, porque

«acaba por cair na voragem de si mesmo e, sem instrumentos necessários para construir uma vida sólida, experimenta a solidão, a miséria financeira e a desolação interior profunda. Amarra-se a uma espécie de orfandade. A imagem das alfarrobas, que tanto deseja comer e ninguém lhas dá, vale por mil palavras»<sup>178</sup>.

Atendendo à situação extrema a que tinha chegado e estando a morrer de fome, pois nem sequer tinha pão como os criados da casa de seu pai (cf. v. 17), o filho compreende que o homem livre que era, se tornou agora num escravo miserável, consequência inevitável da sua liberdade irresponsável. Assim, o seu estilo de vida libertino havia se transformado em destruição. Logo, «todos os seus sonhos tinham se tornado pesadelos. Todo o seu prazer tinha mudado para dor»<sup>179</sup>. Vive como preso «a um cativo do qual é impotente para se libertar. É o cativo do seu próprio pecado, um tipo de prisão infinitamente pior para ele do que jamais

---

<sup>176</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 59.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>178</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 55.

<sup>179</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 87.

imaginaria que fosse a autoridade de seu pai»<sup>180</sup>. Por conseguinte, «ele sai ao encontro de todos os homens cujas derrotas os levaram a cuidar dos porcos. É enviado a todo o homem que se esquecera da *imagem e semelhança* da divindade que leva consigo»<sup>181</sup>.

Apesar de graves, as faltas cometidas pelo filho derivam do orgulho e do desejo de uma liberdade desenfreada; elas não são o fim do filho, antes pelo contrário: apercebendo-se do que estava a passar, o filho cai em si (ἐαυτὸν δὲ ἐλθὼν [cf. v. 17]), ou seja, observa a realidade e chega à conclusão de que existe uma única saída para não morrer de fome. Na verdade, «foi a perda de tudo que o levou à raiz da sua identidade. Parece que foi preciso o pródigo perder tudo e olhar para trás, para entrar na profundidade do próprio ser»<sup>182</sup>. Por conseguinte, acorda do sonho da vida que outrora tinha planeado e observa que a sua vida está desprovida de sentido, sem rumo. Foi na solidão das pocilgas que «ele foi obrigado a encarar o que tinha se tornado, e isso, de alguma forma, o resgatou da irracionalidade. De repente, ele começou a pensar claramente»<sup>183</sup>. Portanto, o filho «tem consciência de que está a perder a vida por causa da fome; esta consciência, esta percepção, este aceitar o seu vazio existencial, porque se trata disso, é o princípio de uma sabedoria que o leva à salvação»<sup>184</sup> e é então que decide voltar para junto do seu pai (cf. v. 18).

No entanto, «o motivo do seu regresso não tem absolutamente nada de nobre: tem fome e sente-se atraído pela visão de uma vida melhor, estando até disposto a trocar o estatuto de filho pelo de jornaleiro assalariado»<sup>185</sup>. Certamente, não lhe fora fácil engolir o seu orgulho, mas de facto apesar de todas as suas falhas, defeitos e pecados cometidos, teve a humildade de regressar à casa de seu pai e reconhecer o seu pecado, porque «ao entrar em si mesmo, encontra a indicação do caminho para o pai, para a liberdade de “filho”»<sup>186</sup>.

---

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 73.

<sup>181</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 42.

<sup>182</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 64.

<sup>183</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 101.

<sup>184</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 45.

<sup>185</sup> T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, p. 129.

<sup>186</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 262.

Deste modo, «mesmo que pareça um paradoxo, a sua grandeza consiste em que, tendo descido até ao mais profundo, é no seu abismo incontornável onde, de modo impercetível, uma luz vai crescendo e fortalecendo-o gradualmente»<sup>187</sup>. Efetivamente, a humildade é o ponto de partida para a operação da misericórdia e Jesus torna isso bem claro tanto nas Suas parábolas, como no Seu modo de agir.

Ao tomar a decisão de voltar, o filho mais novo dá continuidade à sua lógica inicial, porque «ele partiu para experimentar a vida e, quando regressa, fá-lo ainda por calculismo, para salvar a sua pele»<sup>188</sup>. Todavia, decide a percorrer o caminho que outrora tinha traçado em busca da felicidade, pautado pela liberdade absoluta; agora no sentido inverso, em busca do perdão do pai, antecipando que poderá ser tratado como um simples jornaleiro, μισθίος (cf. v. 19).

Apesar do seu pecado, este filho tem esperança de que o pai o possa salvar da situação miserável a que tinha chegado. À semelhança dos que se aproximavam de Jesus para o ouvir (cf. Lc. 15,1), havia neste filho ainda uma réstia de esperança e um apelo interior à mudança. Não podia ser o fim, simplesmente. Ao “cair em si”, o filho manifesta ter chegado à conclusão de que se tinha deixado levar pelo pecado, alienação da nossa condição de criaturas<sup>189</sup>. Saliente-se que «pecar é negar a Deus o Seu lugar. É uma expressão de ódio contra Deus. Equivale a desejar que Ele estivesse morto»<sup>190</sup>. Mas, embora este filho tenha abusado da sua liberdade e tenha pecado, ao ponto de se “perder”, o facto de reconhecer o seu pecado, juntamente com a humildade de pedir perdãolevam-no ao encontro do pai, que o perdoa.

«E, levantando-se, foi ter com o pai» (καὶ ἀναστὰς ἦλθεν πρὸς τὸν πατέρα ἑαυτοῦ [v. 20]), ou seja, assumindo o peso da culpa, o filho empreende uma «viagem para a verdade da sua existência e, conseqüentemente, “para casa”»<sup>191</sup>, confiando que, apesar de todo o mal que

---

<sup>187</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 49.

<sup>188</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 56.

<sup>189</sup> Cf. D. ATTINGER, *op. cit.*, p. 430.

<sup>190</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 96.

<sup>191</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 262.

cometeu, o seu pai não o deixará ficar órfão e, mesmo se não perdoar o seu pecado, pelo menos não o deixará perecer, já que até os seus jornaleiros tinham pão em abundância.

## 1.2. O filho mais velho: uma fidelidade mal interpretada

O filho mais velho não vivera, como o mais novo, de forma libertina. Isto não significa que ele não tivesse liberdade. Até porque o pai, ao repartir os bens entre os dois (ὁ δὲ διεῖλεν αὐτοῖς [cf. v. 12]), deu-lhe também a possibilidade de escolher o rumo que quisesse traçar. Mas esse filho, provavelmente por ser o mais velho e ter mais direitos do que o mais novo relativamente à herança, preferiu ficar por casa. De igual modo, isto não significa que não tenha pecado.

Tendo optado por ficar em casa «junto do pai, tem o sonho de sucedê-lo e tornar-se o herdeiro da casa»<sup>192</sup>. No entanto, «não só se perdeu o filho mais novo, que se foi embora de casa à procura de liberdade e de felicidade, mas também o que ficou em casa se perdeu»<sup>193</sup>. Portanto, embora este filho não tenha saído de casa, a verdade é que ele se sente um trabalhador, um forasteiro, reclamando «os seus insignificantes direitos (uma pequena festa, de vez em quando, com os amigos) e indigna-se com o tratamento de filho que agora recebe aquele que tinha saído de casa»<sup>194</sup>. Portanto, «toda aquela lealdade e o respeito à vontade do pai era apenas uma farsa. Não era mais do que conseguir o que ele queria – aprovação, afirmação, poder, propriedade e prestígio na comunidade»<sup>195</sup>. Apesar de este filho ter estado sempre por casa, a verdade é que ele se sente como que ausente do seu pai e da própria família. A resposta rude ao pai comprova isso mesmo, pois, ao reclamar o direito a um cabrito para fazer uma festa (cf. v. 29), exclui o pai e o irmão. Portanto, o seu pai e o irmão não fazem parte do seu motivo de

---

<sup>192</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 55.

<sup>193</sup> H. NOWEN, *op. cit.*, p. 89.

<sup>194</sup> A. PUIG, *op. cit.*, p. 360.

<sup>195</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 170.

viver, embora sejam da sua família. De resto, este filho não tinha qualquer relacionamento com ninguém da família. Não se sente integrado na própria família, porque os seus amigos estão acima dela. Deste modo, mesmo que esteja próximo do pai, fisicamente falando, a verdade é que para ele o pai é um senhor que o trata como escravo, como se porventura o pai o prendesse e não o deixasse ser livre<sup>196</sup>. Este filho, na realidade, «não consegue realizar a sua vida, os seus projetos»<sup>197</sup>, e «trabalhava duramente todos os dias e cumpria as suas obrigações, mas era cada vez mais desgraçado e menos livre»<sup>198</sup>. Por isso, quando o seu irmão regressa a casa, ele se encontra «no campo» (ἐν ἀγρῷ [v. 25]). Em suma, também «o filho mais velho não percebeu que tinha pai; confundiu-o com o dono da terra»<sup>199</sup>.

À semelhança dos fariseus, a relação deste filho com o pai está determinada mais pelo dever do que pelo afeto<sup>200</sup>. A sua vida estava marcada sobretudo pelo servilismo e não pelo amor de ser filho e de poder estar sempre em casa ao lado de seu pai, ao contrário do seu irmão que tinha partido para uma «terra longínqua» (v. 13). Paradoxalmente, «aquele que aparentemente era o mais distante torna-se o mais próximo, e aquele mais próximo o mais distante»<sup>201</sup>, o que é evidente nas palavras que dirige ao pai: «e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo» (v. 30).

Mais uma vez verificamos que o filho mais velho vê o pai não como pai, mas como senhor a quem tem de obedecer fielmente, sem espaço para a sua liberdade e realização pessoal. De facto, esta acusação do passado do seu irmão permite-nos averiguar que o filho mais velho, ainda que tenha sido sempre fiel – talvez até excessivamente – ao seu pai, não valoriza o facto de estar com ele na mesma casa. Enquanto que, para o seu irmão, estar em casa significa ser salvo, para este filho corresponde a viver sem liberdade, não porque o pai lha negue, mas porque

---

<sup>196</sup> Cf. D. ATTINGER, *op. cit.*, pp. 430-431.

<sup>197</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 55.

<sup>198</sup> H. NOWEN, *op. cit.*, p. 89.

<sup>199</sup> A. PUIG, *op. cit.*, p. 360.

<sup>200</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, pp. 71-72.

<sup>201</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 49.

vivia preso ao servilismo, como os fariseus crendo que tal lhe dava autoridade para denunciar e repudiar o seu irmão. No entanto, a mensagem de Jesus a este respeito é clara: «amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus»<sup>202</sup>. E, «se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4,20). De facto, este filho mais velho

«não consegue ver justiça na decisão de a este vadio, que dissipou com as prostitutas toda a fortuna – os bens do pai –, ser-lhe agora oferecida uma festa esplêndida, imediatamente, sem antes ser posto à prova, sem um período de penitência. Isto contradiz o seu sentido de justiça: uma vida de trabalho, como a sua, apresenta-se sem importância face ao indecente passado do outro»<sup>203</sup>.

Esta é uma das principais razões para que este filho não se deixe acolher por ninguém e se revolte com a misericórdia evidenciada pelo pai ao acolher o seu irmão. Ele vive uma vida pautada pela obediência servil e pelo orgulho, que levam a que mostre algum do seu ressentimento ante o regresso do irmão que vivera de forma dissoluta mas livre. Isso gera a revolta deste filho contra a decisão do pai de acolher o irmão. No entanto, é evidente que «a submissão a um Deus assim não confere a verdadeira liberdade interior; apenas consegue alimentar a amargura e o ressentimento»<sup>204</sup>. Além disso, vivendo preso ao passado, este filho identifica-se novamente com os fariseus, na medida em que não se deixa tocar pela misericórdia e é um fiel da vontade do pai. Todavia, o facto de ambos – fariseus e filho mais velho – cumprirem tudo com escrupuloso rigor não significa que não tenham pecados, antes pelo contrário. Do mesmo modo, ambos os filhos são pecadores: «um era um pecador flagrante, rebelde e ímpio; o outro era um pecador religioso com uma aparência superficial de respeitabilidade»<sup>205</sup>. O maior pecado do mais velho prende-se com a falta de humildade e

---

<sup>202</sup> PP BENTO XVI, *Deus é amor: Carta Encíclica Deus caritas est*, 15.

<sup>203</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 266.

<sup>204</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 69.

<sup>205</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 77.

excesso de orgulho, considerando-se superior ao seu irmão e apontando-lhe as falhas, como se ele não tivesse pecados só porque cumpre tudo a rigor.

Assim, ao dizer que o seu irmão gastou a herança do pai em meretrizes (cf. v. 30), numa vida que, embora não admita, também ele queria ter vivido, mas nunca foi capaz de sair do seu servilismo, este filho mostra que se esqueceu do amor do pai, que lhe diz: «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu» (τέκνον, σὺ πάντοτε μετ' ἐμοῦ εἶ, καὶ πάντα τὰ ἐμὰ σά ἐστιν [v. 31]), ou seja, «filho, tudo o que fazes está certo. Tens sido sempre cumpridor, tens-me sido fiel, mas a verdade é que isso ainda é pouco»<sup>206</sup>, pois falta-te a capacidade de me amar, de aceitar as falhas do teu irmão e reconhecer «a grandeza de ser filho»<sup>207</sup>.

Portanto, ao dizer estas palavras, o pai não põe em causa a fidelidade do filho; ao dizer-lhe «tudo o que é meu» (πάντα τὰ ἐμὰ [v. 31]) pretende dizer-lhe que toda a sua fortuna é dele e que, quando o pai morrer, o usufruto da doação precedente irá para ele<sup>208</sup>. No entanto, a principal falha do filho mais velho consiste em resistir ao amor do pai, porque o orgulho de ter sido sempre fiel não lhe permite ver o regresso do seu irmão com a justiça do pai, só vê a injustiça. O mesmo é dizer que o seu extravio era mais difícil de identificar porque fazia tudo bem feito e não falhava em nada. Aparentemente, não tinha defeitos, mas logo que repara na festa que o pai faz aquando do regresso do seu irmão, «aparece a pessoa ressentida, orgulhosa, severa e egoísta que estava escondida e que, com os anos, se tornara mais forte e poderosa»<sup>209</sup>. Por conseguinte, num primeiro momento, podemos até referir que o seu orgulho poderá ser mais grave do que os pecados do seu irmão, porque não lhe permite reconhecer as suas falhas. Ao invés, apenas reconhece e engrandece as falhas do seu irmão e o seu pecado, ao dizer: «ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes» (ὅτε δὲ ὁ υἱός σου οὗτος ὁ καταφαγών σου τὸν βίον μετὰ πορνῶν ἦλθεν [v. 30]).

---

<sup>206</sup> J. T. MENDONÇA, *A mística do instante; O tempo e a promessa*, p. 70.

<sup>207</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 267.

<sup>208</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *op. cit.*, p. 686.

<sup>209</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 92.

Ao apontar as falhas do irmão, o mais velho mostra a sua ira e ressentimento, isto é, os motivos por que não consegue alegrar-se com o pai, isola-se em si mesmo, e não sabemos se chegou a entrar na festa. Efetivamente, «alegria e ressentimento não podem coexistir. A música e os cantares, em vez de convidarem à alegria, tornaram-se causa de maior rejeição»<sup>210</sup> e em vez de uma festa alegre convocada pelo pai, concebe-se uma festa em que domina a frustração.

No entanto, o filho mais velho não tem apenas defeitos, tem também qualidades. Aliás, ambos os filhos têm qualidades e defeitos e, com esta parábola, Jesus mostra que «Deus não ama o filho mais novo mais do que o mais velho»<sup>211</sup>, ama os dois por aquilo que eles são, porque «cada um dos dois irmãos têm uma grande riqueza interior e têm limites»<sup>212</sup>.

Em síntese, embora cumpra todas as vontades do pai, o filho mais velho não o conhece, «porque pensa nele como juiz que está dependente continuamente do seu esforço e trabalha duro no campo. Possivelmente, o seu pai desejaria que passasse menos tempo no campo e mais com ele»<sup>213</sup> e, nunca pondo em causa a sua obediência, quer que também este filho se sinta livre e saiba, como o mais novo, que o pai o ama, independentemente de ele cumprir ou não a sua vontade. Assim, um dos principais problemas que Jesus aborda por meio desta parábola é o facto de os fariseus verem Deus como um juiz e reduzi-Lo à Lei, o facto de se sentirem

«em relação jurídica com Deus e, sob este aspeto, estão em pé de igualdade com Ele. Mas, Deus é maior: devem converter-se do Deus-Lei ao Deus maior, ao Deus do amor. Então não abandonarão a sua obediência, mas esta brotará de fontes mais profundas e, por isso, será maior, mais sincera e pura, e sobretudo mais humilde»<sup>214</sup>.

A principal missão de Jesus consiste nisto: chamar todos para a casa do Pai, não só os pecadores, mas também os fariseus, e ainda que estes últimos não tenham a humildade de acolher a mensagem libertadora de Jesus, a verdade é que Ele não desiste de chamá-los à

---

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>212</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 55.

<sup>213</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 119.

<sup>214</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 269.

conversão, porque, essencialmente, esta conversão consiste em pôr-nos a ver como Deus vê. É o retorno à condição de criança no sentido de voltar ao estado originário, «algo inteiramente compreensível para os homens [...] uma experiência que cada um, como criança, fez (e à qual deve, de um modo determinado, regressar)»<sup>215</sup>, enfim: uma das condições impostas por Jesus para ver o Reino de Deus. Embora no “perder-se” do filho mais novo não haja qualquer mérito, a este filho mais velho talvez lhe falte o “cair em si” para ser capaz de sair da sua vida rotineira e procurar o verdadeiro sentido de viver que está no acolhimento do amor do pai e no deixar-se tocar pela sua misericórdia. Só dessa forma poderá ele, os fariseus, compreender que «do Filho de Deus crucificado nasce a Boa Notícia que nos atrai até ao Pai e que anula o equilíbrio discriminatório entre bons e maus»<sup>216</sup>, porque «Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores» (Mt 5,45).

## 2. O amor do pai...

O amor do pai é, sem dúvida, o âmago deste texto. Isso é visível não só na forma como ele acolhe e perdoa o filho mais novo, mas também no modo como lida com o filho mais velho: indo ao seu encontro a fim de o integrar na festa que, mais do que festejar o regresso do filho mais novo, pretende integrar os dois filhos e aponta para outras realidades e sentidos.

Com efeito,

«a atitude do pai da parábola, todo o seu modo de agir, manifestação da disposição interior, permite-nos encontrar cada um dos fios que entrecem a visão da misericórdia do Antigo Testamento, mas numa síntese totalmente nova, cheia de simplicidade e profundidade»<sup>217</sup>.

A partir da figura central (o pai), urge abordar a qualidade do seu acolhimento, aquando do regresso do filho mais novo e quando sai ao encontro do filho mais velho. Em ambos os

---

<sup>215</sup> H. U. BALTHASAR, *Se não vos tornardes como esta criança*, pp. 20-21.

<sup>216</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 73.

<sup>217</sup> JOÃO PAULO II, *op. cit.*, 6.

momentos mostra a sua misericórdia e perdão, ou seja, a grandeza do seu coração de pai para com os filhos. Mesmo que estes o tenham excluído das suas vidas – já que «ambos se importavam mais com a riqueza do pai do que com pai em si»<sup>218</sup> – o pai não cessa de perdoar porque os ama e aceita como eles são, com as suas qualidades e defeitos. Portanto, é evidente que «o ícone da misericórdia é este pai»<sup>219</sup>, rosto de uma misericórdia que não cessa nem tem limites. O pai, ainda que os filhos não correspondam ao seu amor por eles, não se cansa de os amar e perdoar, mesmo sendo desprezado e odiado.

Do mesmo modo, o amor de Deus é sem limites e não está dependente de nada; amamos porque somos Seus filhos criados à Sua *imagem e semelhança*, independentemente de correspondermos, ou não, ao Seu amor por cada um de nós, cuja «“irracionalidade” reside apenas no grau de amor “louco” (imerecido) e de graça abundante que ultrapassa e derruba os nossos cálculos racionais»<sup>220</sup>, porque Ele conhece os nossos corações (cf. Lc 16,15). Na verdade, o problema dos fariseus foi não compreenderem esta “irracionalidade” que é a misericórdia, porque concebiam a justiça de Deus como sendo exclusivamente de caráter retributivo. Provavelmente, a sua maior dificuldade terá sido a de compreender como Deus contraria a justiça; por ser tão compassivo.

De facto, «o centro da mensagem de Jesus é ocupado pela mensagem de Deus como Pai. A forma como Jesus Se dirige a Deus – “*Abba, Pai*” – isto é, como seu Pai (cf. Mc 14,36) deixou uma marca indelével no Cristianismo»<sup>221</sup>. Foi o considerar-se Filho de Deus (cf. Lc 22,70-71) que enfureceu as autoridades do seu tempo, no que viria a constituir uma das causas da Sua condenação. Portanto, «quando Jesus se refere a Deus, dá preferência à designação “pai” em relação a outras possíveis: “senhor”, “rei”, “juiz”, “pastor”, “santo”, altíssimo” ...»<sup>222</sup>.

---

<sup>218</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 77.

<sup>219</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 56.

<sup>220</sup> T. Halík, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, pp. 187-188.

<sup>221</sup> W. KASPER, *A Misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, p. 87.

<sup>222</sup> A. PUIG, *op. cit.*, p. 358.

## 2.1. ... no regresso do filho mais novo

O regresso do filho “perdido” é sem dúvida uma das partes fundamentais da parábola em estudo, não somente pelo seu regresso, mas sobretudo pela forma como o pai o recebe, mesmo depois de se ter comportado da forma já desenvolvida. Para o pai, «mais importante do que a rutura, é o regresso»<sup>223</sup>. Na verdade, embora o filho tivesse ferido o pai, desejando a sua morte, o pai, porque o ama loucamente, ao vê-lo e sabendo de tudo por que tinha passado, não fica indiferente, é o primeiro a agir. Assim, «quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão» (Ἔτι δὲ αὐτοῦ μακρὰν ἀπέχοντος εἶδεν αὐτὸν ὁ πατήρ αὐτοῦ καὶ ἐσπλαγγνίσθη [v. 20]), isto é, comovendo-se-lhe as entranhas, perdeu o controlo de si mesmo, «esquecendo a sua própria dignidade, correu ao seu encontro, abraçou-o com ternura sem permitir que se lançasse aos seus pés, e beijou-o efusivamente sem recear o seu estado de impureza»<sup>224</sup>.

Através deste pai, é-nos mostrado «um Deus que manifesta a Sua *hesed* (ternura), a Sua *rehem* (amor, compaixão) e as Suas *rahamim* (entranhas maternas, ventre materno)»<sup>225</sup>. De facto, «o filho não poderia entrar em casa pelos seus pés. Ele precisava de ser levado ao colo pelo amor do pai. A misericórdia é isso. Não é esperar que o outro faça o caminho: é antecipar-se»<sup>226</sup> e agir no imediato, já que misericórdia e compaixão não são simples sentimentos à flor da pele, mas levam a uma ação concreta. Com efeito, a palavra grega σπλαγγνίζομαι «evoca um estremecimento de entranhas [...], uma perturbação do ser na sua profundidade. É a voz do sangue»<sup>227</sup>. Por conseguinte, «a compaixão torna-se escuta, consonância, responsabilidade,

---

<sup>223</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 57.

<sup>224</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 130.

<sup>225</sup> J. D. LOURENÇO, «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 32.

<sup>226</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 58.

<sup>227</sup> F. VARILLON, *O sofrimento de Deus*, pp. 33-34.

escolha solitária, gestos, permanência. Há na compaixão a suspensão do julgamento sobre a vulnerabilidade do outro»<sup>228</sup>.

Destaque-se ainda que o pai podia esperar que o filho viesse ao seu encontro, mas opta por ser ele o primeiro a ir, porque sabe que se o filho se «mantivesse exposto em praça pública, todo o vilarejo o trataria [...] com extremo escárnio: ele seria motivo de zombaria, e é possível até que cuspissem nele»<sup>229</sup>. De facto, «naquela cultura baseada na honra, principalmente em uma situação como esta, não seria nada extraordinário se o pai simplesmente se recusasse a ver o filho face a face»<sup>230</sup>. Portanto, este encontro gera nos ouvintes de Jesus grande polémica, principalmente entre os doutores da Lei e fariseus, já que para eles este acolhimento da parte do pai só poderia ser próprio de um louco, de alguém que está fora de si, só isso explicaria consentir sofrer tamanha vergonha. No entanto, em vez de permitir que o filho fosse humilhado, o pai decide ser ele mesmo o humilhado, não fazendo caso da opinião pública e suportando a zombaria no lugar do filho, porque era necessário proteger o filho de uma humilhação ulterior.

Ora, depois de tudo o que filho mais novo fez, das feridas que infligiu à sua família, como pôde o pai recebê-lo assim, sem exigir ao menos uma explicação? Tendo em consideração a autoridade da figura paterna na época, teria este pai pleno conhecimento do que realmente se passara? Em circunstâncias idênticas, mesmo amando o seu filho, que pai faria o mesmo? As respostas a estas questões não são fáceis nem imediatas, mas o próprio Jesus chega a dá-las de vários modos e em diferentes contextos: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados» (Lc 6,37); «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6,36); «Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste» (Mt 5,48).

Há, certamente, muito mais a acrescentar, mas esta perfeição a que exorta Jesus no Evangelho de Mateus, no *Sermão da Montanha* (cf. Mt 5,1-7,29), é a perfeição do amor, ou

---

<sup>228</sup> J. T. MENDONÇA, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, p. 51.

<sup>229</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 127.

<sup>230</sup> *Ibidem*, p. 126.

seja, é amar como Deus ama e ser misericordioso como o Pai. Assim, «para Lucas, a misericórdia é a perfeição da essência divina. Longe de condenar, Deus perdoa; dá e oferece numa medida generosa, cheia, que satisfaz, transbordante»<sup>231</sup>. Portanto, vendo o filho a regressar e sabendo da sua dignidade perdida, o pai não se compadece apenas; porque ama, alegra-se também, alegra-se sobretudo.

Note-se que «em Jesus Cristo, o próprio Deus vai atrás de “ovelha perdida”, a humanidade sofredora e transviada»<sup>232</sup>. E quando Jesus fala, nesta parábola, «do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do Seu próprio ser e agir»<sup>233</sup>. Na verdade, «uma vez que Deus é Deus, o Santo, age como nenhum homem poderia agir. Deus tem um coração, e este coração volta-se por assim dizer, contra Ele mesmo»<sup>234</sup>. Deste modo, indo a correr ao encontro do filho, o pai lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos (cf. v. 20), o mesmo é dizer que o abraçou e beijou e, através destes gestos profundamente simbólicos, expressa o seu perdão, mesmo antes de o filho dizer qualquer coisa. Além disso, esta compaixão do pai ao ver o seu filho mais novo regressar não é uma simples compaixão, mas provoca algo de imediato: a urgência do encontro, o apressar-se para ir ao encontro. Ao tempo, esta era uma atitude de desprestígio para um idoso oriental, pois atendendo à consabida autoridade paterna normalmente correspondia a uma perda de faculdades<sup>235</sup>.

Não obstante o filho ter pecado, o pai abraça-o e ergue-o, dando-lhe força para que ele se levante da miséria do pecado: «abraça tudo e tudo cobre com o seu amor»<sup>236</sup>. Além do mais, porque o filho reconheceu o seu pecado e indignidade, ao dizer «Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho» (v. 21), reconhecendo-se pequeno perante a

---

<sup>231</sup> W. KASPER, *op. cit.*, p. 88.

<sup>232</sup> PP BENTO XVI, *op. cit.*, 12.

<sup>233</sup> *Ibidem*, 12.

<sup>234</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 264.

<sup>235</sup> Cf. I. M. Acebo, *op. cit.*, p. 436.

<sup>236</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 58.

grandeza do coração de seu pai, permitiu que o perdão do pai encarnesse nele, ou seja, passa da “morte do pecado” à “vida nova do perdão”. Estas «palavras, que ele prepara para dizer no regresso, permitem-nos conhecer o valor da peregrinação interior que agora realiza»<sup>237</sup>, refletem o «que estava verdadeiramente em seu coração. Não era uma *performance* sem convicção, feita para enganar o pai. Era um arrependimento profundo, autêntico, sentido»<sup>238</sup>.

Além disso, através da confissão professada pelo filho, podemos afirmar que

«o perdão humano e divino estão ligados entre si, porque cada ofensa feita ao próximo é também uma infração aos ensinamentos vinculativos escritos na Tora (a Lei) [...] Nesta dupla infração há duas vítimas, Deus e o irmão ofendido, e ambos devem dar o seu perdão independentemente. Um não pode substituir o outro»<sup>239</sup>.

Logo, «a humildade maior consiste em admitir que Deus pratica até aquilo que nos pode parecer impróprio, curvando-nos perante o que Ele faz, e não perante aquilo que pensamos sobre Ele e que é conveniente para Ele»<sup>240</sup>. Assim, perante os gestos amorosos do pai, talvez o filho tenha saído da sua lógica e se tenha convertido à lógica do pai, que é a do amor incondicional, mesmo quando este se torna quase ridículo, porque, de facto, «não há misericórdia sem excesso»<sup>241</sup>.

Efetivamente, o normal seria castigar este filho e, caso lhe fossem devolvidos os direitos filiais, mesmo isso levaria o seu tempo, porque era necessário um interregno entre o regresso a casa e a respetiva reintegração<sup>242</sup>. No entanto, em vez de fazer o que seria justo, pelo menos numa mentalidade humana e segundo a ótica farisaica, o pai decide fazer precisamente o contrário: o injusto, segundo a lógica do irmão mais velho. De facto, «o pai misericordioso não se deixa capturar pelo juízo. Ele vê no espelho da misericórdia que o filho regressa como quem

---

<sup>237</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 262.

<sup>238</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 119.

<sup>239</sup> N. CROSTI, *A procura das raízes hebraicas de fé cristã*, p. 114.

<sup>240</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, p. 19.

<sup>241</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 58.

<sup>242</sup> Cf. I. M. ACEBO, *op. cit.*, p. 436.

vem de uma guerra, todo estilhaçado na sua liberdade, maltratado e ferido»<sup>243</sup>. Assim se compreende que o pai, prefigurando Deus, quer a felicidade do filho, quer que ele viva. É esta a razão do seu acolhimento amoroso, porque mesmo que este filho tenha manchado a sua dignidade, não a perdeu, segundo o pai, e assim, ao vê-lo, «restitui-lhe [...] os seus direitos filiais e reconhece-lhe outra vez a dignidade de filho»<sup>244</sup>. O mesmo transparece na ordem que dá aos servos: «trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés» (v. 22). O pai pediu a melhor túnica, não uma qualquer, porque queria que a miséria do filho fosse coberta com a melhor roupa, «permitindo que aquela glória emprestada servisse como um escudo contra a vergonha que o filho merecia»<sup>245</sup>. Quer isto dizer que «o filho pródigo passa de um jugo terrível, que já conhecemos, ao jugo do abraço do seu pai»<sup>246</sup>, que o coloca à sua altura e faz com que o passado do filho fique agora transformado pelo perdão que dá vida. Isso é também visível no beijo que o pai dá ao filho, expresso no verbo κατεφίλησεν (v. 20).

O beijo é um gesto profundamente simbólico, porque deriva do amor, mas também pode ser ambíguo como é o beijo de Judas a Jesus (cf. Lc 22,47-48), que simboliza precisamente o contrário do amor: a traição. Sendo o beijo, antes de mais, símbolo do amor, é sinal, ao mesmo tempo, de dom e de acolhimento. Neste sentido, em virtude da sua simbologia, «um beijo é um gesto admirável e é precisamente por esta razão que é preciso não prostituí-lo, brincar com ele, mas deve reservar-se como sinal de qualquer coisa extremamente profunda»<sup>247</sup> que simboliza a reciprocidade do amor, a saída do egoísmo, porque ninguém dá um beijo a si próprio: o beijo é sempre dado e acolhido por alguém. Neste caso, o beijo é dado pelo pai e acolhido pelo filho, simbolizando o extremo amor que o pai, ao não fazer caso do estado de impureza do filho, lhe tem.

---

<sup>243</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 58.

<sup>244</sup> W. KASPER, *op. cit.*, p. 90.

<sup>245</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 152.

<sup>246</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 84.

<sup>247</sup> F. VARILLON, *Alegria de crer e de viver: Temas fundamentais da Fé cristã*, p. 56.

Focamo-nos agora nos acessórios que o pai manda trazer para o filho, por aqueles serem profundamente simbólicos, como explicitado na seguinte tabela:

«túnica» – στολή	Ao pedir que tragam uma túnica para o filho, o pai não pede uma simples túnica, mas «a melhor», tanto pode fazer referência a uma túnica nova, como ao seu próprio vestuário como dono de casa <sup>248</sup> , que deveria ser o melhor. Podia ser ainda uma túnica reservada apenas para os casamentos dos filhos ou para ocasiões idênticas <sup>249</sup> . Além disso, para os Padres da Igreja, esta túnica primeira/melhor «é uma alusão ao vestido da graça, com que o homem estava ornado no princípio, mas depois perdeu-o com o pecado» <sup>250</sup> . Assim, a melhor túnica faz com que o filho «sinta no seu corpo que voltou à vida, que não tem nada de que se envergonhar por ter voltado» <sup>251</sup> .
«anel» – δακτύλιον	O anel, símbolo de uma aliança que se estabelece, significa também a marca do selo familiar <sup>252</sup> . No entanto, é também um emblema do poder <sup>253</sup> . O grande significado do anel é o «poder sobre a fazenda, leva o selo que confere o título de propriedade» <sup>254</sup> , sendo um símbolo de autoridade.
«sandálias» – ὑποδήματα	Por fim, o pai decide também calçar o filho, já que este, provavelmente, teria voltado para casa descalço, uma vez que vivia como um escravo. Além do mais, dentro de casa só andam de sandálias os anfitriões, os convidados deveriam tirá-las ao entrar em casa <sup>255</sup> . Com este gesto, o pai diz ao filho que pode voltar a pisar a terra que antes pisara, que voltou ao estado anterior ao da rutura e elas significam a «reintegração total e imediata do ex-rebelde como um filho privilegiado» <sup>256</sup> .

O regresso do filho suscita a bondade e a beleza do pai, assim como a beleza da confissão do filho: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho» (v. 21). Tendo a noção de que não merecia tal acolhimento, o filho declara-se pecador e reconhece que falhara. Naturalmente, o pai ao escutá-lo «vê o caminho interior por ele percorrido, constata que ele encontrou o caminho para a verdadeira liberdade»<sup>257</sup>. Talvez não precisasse sequer de falar para que o pai o acolhesse daquela forma, mas ele ainda não conhecia realmente o pai. Se

<sup>248</sup> Cf. I. M. ACEBO, *op. cit.*, p. 437.

<sup>249</sup> Cf. J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 147.

<sup>250</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 263.

<sup>251</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 95.

<sup>252</sup> Cf. I. M. ACEBO, *op. cit.*, p. 437.

<sup>253</sup> Cf. F. BOVON, *op. cit.*, p. 69.

<sup>254</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 94.

<sup>255</sup> Cf. I. M. ACEBO, *op. cit.*, p. 437.

<sup>256</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 146.

<sup>257</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 263.

o conhecesse verdadeiramente, nem teria tido a necessidade de preparar o discurso de fuga à condição a que tinha chegado, pois saberia que o pai o receberia logo e sem precisar de se justificar.

O pai não deixa sequer o filho acabar a declaração de reconhecimento do pecado cometido, interrompe-o e ordena aos servos que lhe seja restituída a dignidade de filho no imediato. Não é que o pai não tivesse ouvido a declaração do filho, mas para ele não interessa o passado; é hora de retomar o caminho percorrido de regresso do filho, de forma completamente paradoxal, e levantá-lo da escravidão e do pecado, porque «estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado» (v. 24).

Para o pai, mais importante do que ouvir a justificação do filho, é integrá-lo novamente em casa e o mais rápido possível. O pai bem sabia que a principal causa do regresso do filho era a fome e a miséria por que tinha passado na “terra longínqua”, mas sabia igualmente que este filho precisava do seu perdão e de ser reintegrado em casa para que viva. Para o pai, «aquele é que era o seu lar. Não podia continuar por mais tempo longe da sua família»<sup>258</sup>. Na verdade,

«Deus dá-nos, através do Seu Filho, o Evangelho, encaminha-nos para a verdade, com misericórdia, sem cortar cabeças. Deus não age segundo a justiça humana; a todo aquele que quebra a sua relação com Ele, levanta-o com a Sua misericórdia e reconstrói-o como pessoa»<sup>259</sup>.

Assim procedeu este pai. Efetivamente, «a relação a construir com Deus é sempre na liberdade, deixando Deus ser Deus e sentindo que Deus me deixa ser eu»<sup>260</sup>. Ele conhece-nos melhor do que nós nos conhecemos a nós mesmos, sabe dos nossos limites e das nossas falhas. Deste modo, resta-nos confiar na Sua imensa misericórdia, ter a humildade de reconhecer as nossas falhas e saber que, ainda que sejamos irrecuperáveis para os homens, não o somos para Deus, porque esta é a Boa Notícia do Evangelho que Jesus anuncia<sup>261</sup>. Assim, «a figura do filho

---

<sup>258</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 130.

<sup>259</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 48.

<sup>260</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum Caminho será Longo: para uma teologia da amizade*, p. 16.

<sup>261</sup> Cf. A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 68.

pródigo com o ânimo de voltar para seu pai indica-nos que é o próprio Deus quem planta as sementes da conversão, quer dizer da “volta”, que é o que significa a palavra conversão»<sup>262</sup>.

Concluindo, se

«o pai tivesse decidido anotar uma vitória moral e acusar o filho aos gritos, se à chegada deste tivesse dito: “Finalmente se vê quem tinha razão!”, em certo sentido, teria matado o seu filho. Tê-lo-ia perdido para sempre como filho e, na verdade, teria ficado apenas com mais um assalariado. Mas o pai [...], abraçando-o antes com toda a força [...], trouxe de novo o seu filho à vida, salvando-o pelo seu amor generoso»<sup>263</sup>.

Assim é o amor de Deus e só assim se percebe o acolhimento deste pai, que age segundo a lógica divina e se mostra com o poder de transformar o pecado em perdão, pois «no momento em que o filho pródigo caiu de joelhos e chorou, transformou o facto de ter gasto a sua fortuna com prostitutas, e de ter depois guardado porcos, e de ter desejado as bolotas que eles comiam, em incidentes belos e sagrados da sua vida»<sup>264</sup>. O perdão do pai, embora não apagasse o passado pecaminoso, permite que ele se levante da ruína do passado e volte a construir um futuro com a ferida do passado curada, tendo a oportunidade de construir um futuro belo pautado pelo amor, através do exemplo do seu pai.

## 2.2. ... no encontro com o filho mais velho

Tendo principiado a festa do regresso do filho “perdido” (cf. v. 24), «infelizmente, faltava o filho mais velho. Chegou do campo ao entardecer. Tinha cumprido fielmente mais um dia de trabalho»<sup>265</sup>. Ao aproximar-se de casa, ouviu a «música» (συμφωνίας) e as «danças» (χορῶν) [v. 25] mas, em vez de se alegrar por ter festa em casa, revolta-se porque essa festa era de regozijo pelo regresso do seu irmão.

---

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>263</sup> T. Halík, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, pp. 127-128.

<sup>264</sup> O. WILDE, *De Profundis*, p. 93.

<sup>265</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 131.

A música não pode faltar numa festa, permite-nos habitar no mundo, vivendo o que celebramos de forma mais intensa. De facto, «a sua essência é rítmica e não concetual. A música deixa-se ouvir simplesmente, e essa é a sua forma de comunicação sensível. E porque se dá a escutar torna-nos finalmente presentes a nós mesmos»<sup>266</sup>. Ao recusar-se ouvir a música daquela festa, o filho mais velho torna-se ausente de si mesmo: em vez de se alegrar pela festa, fica frustrado e irado, a ponto de não suportar ouvir mais qualquer som. Decide não entrar no ritmo da festa (cf. v. 28), não porque estivesse cansado, mas porque o motivo da festa era o regresso do filho de seu pai, assim proferido por ele como expressão de não reconhecimento do irmão. Para ele, o filho de seu pai era um vagabundo que regressava à casa paterna depois de dissipar a fortuna da família com “prostitutas” (πορνῶν [v. 30]). O ressentimento e o ativismo obediente – «sem nunca transgredir uma ordem tua» (v. 29) – não lhe permitem ver a alegria do pai com o regresso do seu filho “morto e perdido”. Para o filho mais velho, não fazia sentido acolher o falhado que envergonhou a família. Porém, ele «nada sabe das mudanças e percursos interiores do outro, do caminho que o levou para tão longe, da sua queda e do seu reencontrar-se»<sup>267</sup>. Coloca-se assim numa posição de superioridade face ao seu irmão e até ao próprio pai, como se o pai fosse um transgressor, por ter acolhido aquele seu filho nas mesmas condições do filho mais velho.

No entanto, mais uma vez, o pai da parábola volta a surpreender, dizendo: “filhinho”, «tu estás sempre comigo» (τέκνον, σὺ πάντοτε μετ’ ἐμοῦ εἶ [v. 31]). No fundo, ao proferir estas palavras de afeto, o pai perdoa o filho mais velho e pretende destacar que é hora de este filho abrir o seu coração e se converter ao amor, sair do seu egoísmo e do orgulho que a obediência fiel lhe trouxe e deixar-se transformar pela bondade do pai. Em suma, deixar que Deus lhe transforme o coração de pedra num coração de carne (cf. Ez 36,26), um coração como o do pai, que «via as coisas de maneira diferente»<sup>268</sup>. Precisava de compadecer-se, passando a ver a

---

<sup>266</sup> J. T. MENDONÇA, *A mística do instante; O tempo e a promessa*, p. 162.

<sup>267</sup> J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 266.

<sup>268</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 131.

realidade de uma nova forma, não com os olhos humanos, mas com os olhos de Deus que atendem ao interior. Na verdade, «o mais terrível não é quebrar-nos o coração – pois os corações são feitos para serem quebrados – mas transformar-nos os corações em pedra»<sup>269</sup>, pois «nesta vida só o coração é real»<sup>270</sup>. De resto, a mensagem central do Novo Testamento deixada por Jesus é precisamente essa: «a revelação do coração paternal de Deus e a revelação da exigência de que vivamos como irmãos»<sup>271</sup>. De facto, «o coração encerra em si toda a plenitude da vida espiritual que deve abraçar ao homem inteiro, com todas as suas faculdades e todas as suas atividades»<sup>272</sup>. A isto acresce que «nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido»<sup>273</sup>.

O principal pecado do filho mais velho é o ressentimento, que «não é algo que se perceba com facilidade e não pode ser tratado racionalmente»<sup>274</sup>. Com efeito, o grande perigo do ressentimento prende-se com o facto de ofuscar o coração e o cegar, pois, em vez de este ver gratidão, vê precisamente o contrário: ingratidão, ira, egoísmo, fechamento, etc. Portanto, o «coração humano, que gravita fundamentalmente em direção ao sentido e ao significado»<sup>275</sup>, deve pautar-se pelo amor, que é paciente, prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento, mas rejubila com a verdade, tudo desculpa tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (cf. 1 Cor 13,4-7).

Ao ressentimento do filho, responde o pai ensinando-nos a ser misericordiosos. O pai perdoa o filho mais velho e diz-lhe: «mas tínhamos de fazer uma festa e alegrarmo-nos, porque

---

<sup>269</sup> O. WILDE, *op. cit.*, p. 77.

<sup>270</sup> C. BOBIN, *Ressuscitar*, p. 72.

<sup>271</sup> «la revelación del corazón paternal de Dios y la revelación de la exigencia de que vivamos como hermanos», in J. VIVES, «Si oyerais su voz...»; *Exploración cristiana del misterio de Dios*, Santander, 1988, p. 154 APUD C. FLORISTAN, *op. cit.*, p. 46.

<sup>272</sup> «el corazón encierra en sí toda la plenitud de la vida espiritual que debe abrazar al hombre entero, con todas sus facultades y todas sus actividades», in T. SPIDLÍK, *La espiritualidad del oriente cristiano*, p. 142.

<sup>273</sup> PP FRANCISCO, *Carta apostólica: Misericordia et Misera; Na conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 2.

<sup>274</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 97.

<sup>275</sup> T. HALÍK, *A noite do Confessor: A fé cristã numa era de incerteza*, p. 62.

este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado» (v. 32). Depois de escutar estas palavras, será de crer que o filho mais velho terá refletido não só sobre a postura do pai, mas também sobre o seu próprio posicionamento, a sua própria rejeição e auto-exclusão da festa. Efetivamente, a festa só se torna festa de família com a sua presença.

Embora a parábola não diga se ele acaba ou não por participar na festa, parece-nos que não deverá ter ficado indiferente às palavras e ao gesto do pai, quanto mais não seja porque verificou que «o pai quer que ambos os filhos regressem, o mais novo e também o mais velho»<sup>276</sup>. Além disso, este filho «precisava do perdão e da misericórdia do pai tanto quanto o pródigo»<sup>277</sup>. Diríamos que é quase impossível que este filho não tenha percebido isso e que tenha rejeitado o convite do pai, o qual, com o seu modo de agir, toca no coração do seu filho, ainda que este seja de pedra.

### **3. Da hospitalidade à festa: a salvação no Evangelho de Lucas**

No seu Evangelho, Lucas manifesta particular interesse pela história da salvação, qualificando Cristo de Salvador. Assim, no terceiro Evangelho, a salvação ocupa um lugar fulcral, estando ligada à esperança escatológica e sendo uma realidade já presente. Note-se que Lucas «estabelece uma ligação mais explícita entre salvação e fé, abrindo o termo a uma significação total. A salvação identificar-se-ia, assim, com “uma intervenção divina que atinge o homem no profundo da sua vida e do seu ser”»<sup>278</sup>. Além disso, aqui de modo particular é mostrado que a salvação não está apenas confinada aos israelitas das elites religiosas, particularmente os fariseus – ainda que estes tenham essa pretensão e excluam os outros da salvação – mas destina-se a todos, de forma especial àqueles que confiam no perdão dos pecados oferecido por Jesus e com Ele se relacionam, acreditando que é o Messias enviado de

---

<sup>276</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 99.

<sup>277</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 186.

<sup>278</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 162.

Deus. Deste modo, «não há ser humano que não seja destinatário privilegiado de Evangelho que salva»<sup>279</sup>. Esta salvação oferecida por Deus através de Cristo está ligada à fé n[on] Ele, mas é também expressa através da imagem dos “banquetes”, uma clara alusão ao banquete no Reino, pois «a salvação do fim dos tempos podia ser comparada a um banquete. Portanto, as refeições de Jesus prefigurariam o banquete final no Reino de Deus»<sup>280</sup>.

Ora, o nosso texto de trabalho culmina com a alegria do pai que organizou um grande banquete, aquando o regresso do filho mais novo da terra longínqua (cf. v. 23). Assim sendo, «no centro da parábola está o desejo do pai de partilhar com todos os seus filhos a alegria de estarem juntos numa dimensão “outra” relativamente à experiência terrena»<sup>281</sup>. Por conseguinte, não se tratava de uma festa qualquer e a ordem do pai para matar o vitelo gordo comprova isso mesmo. Comer carne na Palestina, na época em questão, era algo realmente excepcional, devido ao seu custo elevado. Além disso, só se comia carne nas grandes festas religiosas como sacrifício a Deus. Assim, escolher um vitelo gordo para a festa significava que se tratava de uma grande celebração e muito participada<sup>282</sup>. O facto de esta família possuir um vitelo gordo significa também que era abastada e que, tal novilho «seria engordado apenas para uma ocasião extraordinária, como o casamento de um primogénito ou um banquete uma vez na vida e outra na morte para comemorar a chegada de um importante dignitário»<sup>283</sup>.

Ainda que esta festa pareça exagerada, pelo menos vista numa lógica meramente humana, «o que conta é o renascimento que o pai quer dar aos filhos, uma plenitude de vida nova que não merecem (nem sequer estão convertidos) e que, no entanto, o pai quer dar-lhes, sem nada pedir em troca, nem a penitência»<sup>284</sup>. Ambos os filhos têm uma imagem falsa do pai, pensavam que ele era como um patrão que agia somente por justiça. Nenhum dos dois conhecia

---

<sup>279</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 150.

<sup>280</sup> J. GNILKA, *op. cit.*, p. 108.

<sup>281</sup> N. CROSTI, *op. cit.*, p. 120.

<sup>282</sup> Cf. I. G. ACEBO, *op. cit.*, p. 437.

<sup>283</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 155.

<sup>284</sup> N. CROSTI, *op. cit.*, p. 121.

o seu amor, «nenhum dos dois pensava que o pai pudesse comover-se *até às entranhas* (...) e, muito menos, fazer um banquete para eles»<sup>285</sup>.

Neste tocante, recorde-se que Jesus não se limitava a falar de banquetes, mas «concebia e vivia estas refeições com os pecadores como instrumento de cura»<sup>286</sup>, sem se preocupar minimamente com as acusações a que era submetido. Estas refeições estão ligadas à hospitalidade, porquanto se trata de uma oportunidade de expressão da misericórdia de Deus. O mesmo é dizer que, «para Jesus, a comida é um lugar essencial de união. Por isso, compara o Reino de Deus a uma mesa compartilhada ou a um banquete nupcial»<sup>287</sup>. Neste sentido, «a mesa é também um pacto de linguagem, pois o hóspede traz como dom a narração da sua história. É um espaço / tempo onde o contar se realiza no contar-se»<sup>288</sup>.

Para percebermos a abrangência e a ligação da salvação à hospitalidade, importa ligar a salvação com a fé, pois só assim é entendida. Além disso, o seu ponto de partida, ou melhor, a sua visibilidade concreta é entendida a partir daquilo que foi a *praxis* de Jesus e também a partir das parábolas sobre o Reino de Deus. Saliente-se desde já, que «a fé não serve apenas ao reconhecimento de Jesus. Serve para entabular com Ele uma relação de vida: tão essencial que dispensa mesmo as palavras, tão transformadora que não apenas modifica a existência, mas verdadeiramente a salva»<sup>289</sup>. Assim, a salvação supõe um resgate da integridade, sendo o restabelecimento da relação com Deus e estando ligada ao perdão dos pecados, sendo o perdão «um recomeço, quer dizer, a conversão, porque a possibilita. Primeiro, está o perdão, a oferta da salvação, não a exigência de conversão»<sup>290</sup>.

O filho mais novo compreendeu o pai e simplesmente deixa-o agir. Diferentemente, o mais velho, devido ao ódio que sente pelo pai e pelo irmão mais novo, recusa-se a entrar, e num

---

<sup>285</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>286</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 209.

<sup>287</sup> «la comida es lugar esencial de unión. Por eso compara el reinado de Dios a una mesa compartida o a un banquete de bodas», in C. FLORISTAN, *op. cit.*, p. 48.

<sup>288</sup> J. T. MENDONÇA, *Nenhum Caminho será Longo: para uma teologia da amizade*, pp. 94-95.

<sup>289</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 161.

<sup>290</sup> J. GNILKA, *op. cit.*, p. 107.

primeiro momento vê a festa a partir de fora, como um estranho e não como um filho que regressa a casa depois de um dia de trabalho. À semelhança dos fariseus, não compreendeu que este banquete era necessário. Na realidade, este filho nem sequer «disfruta da sua herança. Não é capaz de compreender que a festa consiste em ser resgatado e estar em comunhão com Deus, como é o caso do seu irmão mais novo com o seu pai»<sup>291</sup>. Todavia, a salvação no Evangelho de Lucas não é entendida somente através da comunidade de mesa e das parábolas, mas também pelas curas que Jesus opera, sinal do Reino que exige a fé. Com efeito, «Jesus manifesta-se, na Sua solicitude e nas Suas curas, como o grande benfeitor do Seu povo e o profeta do fim dos tempos»<sup>292</sup>. Por meio das Suas parábolas, Jesus apelava ao arrependimento e à conversão, o que gerou as conhecidas controvérsias com os fariseus, para quem era inconcebível Deus perdoar mediante o arrependimento e sem qualquer expiação do pecado. Viviam presos e cegos pela Lei, mas «Jesus apanhava-os de surpresa. De repente, abria-lhes um mundo novo que rompia todos os esquemas»<sup>293</sup>.

Neste pai, reparamos que «Deus alegra-Se e convida outros a que se alegrem com Ele. [...] Deus não quer guardar a alegria só para Si. Quer partilhá-la com toda a gente»<sup>294</sup>. Isso é o que significa o vitelo gordo: uma festa em que ninguém fica de fora, porque nela é celebrada a vitória do bem sobre o mal, a partilha e o convívio a disfrutar da mesma alegria do anfitrião que é Deus, através deste pai misericordioso.

Logo, recusar este convite é desprezar o anfitrião e é importante que o filho mais velho saiba o que realmente está a fazer quando se recusa a entrar naquela alegria. Portanto, «a alegria celestial não acaba quando um pecador chega a casa; isso é só o começo»<sup>295</sup>. Eis por que recusar-se entrar nesta alegria «é praticamente o pecado mais irracional e maligno imaginável»<sup>296</sup>. Esta alegria provoca liberdade, principalmente «por saber-se amado por

---

<sup>291</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 119.

<sup>292</sup> J. GNILKA, *op. cit.*, p. 113.

<sup>293</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 139.

<sup>294</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 145.

<sup>295</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 157.

<sup>296</sup> *Ibidem*, p. 160.

Deus»<sup>297</sup>. Haverá maior alegria que esta: a de ser amado por Deus, não obstante o pecado? Certamente que não, porque este Deus que nos é revelado na parábola, através de Cristo, é um Deus que, embora deteste o pecado, ama loucamente o pecador, mesmo quando ele não se converte nem corresponde a esse amor. Jesus Cristo «é o arquiteto da nossa salvação e aquele que toma a iniciativa. Ele busca e atrai os pecadores para Si antes de eles jamais pensarem em buscá-lo»<sup>298</sup>. As parábolas da misericórdia comprovam-no.

De resto, a salvação é um dos traços essenciais de Jesus e toda a Sua atividade tem como principal finalidade a salvação a que todos estamos destinados. Portanto, a Sua mensagem acerca do Reino de Deus é escatológica. A salvação que Jesus promete advém da Sua relação com o Pai e é demonstrada, especificamente, pelo perdão dos pecados, já que «perdoar não é um sentimento, nem uma boa intenção, mas é um acontecimento que se inscreve na história da salvação»<sup>299</sup> e, nessa condição, gera alegria. Deste modo, a principal missão de Jesus pode ser resumida através da seguinte expressão por Si proferida: «o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19,10).

A salvação está bem patente no acolhimento ao filho mais novo, que foi resgatado da miséria do pecado e reconduzido à vida. A festa é a exteriorização desse processo de receber o perdão do pai e voltar a estar unido a ele. De facto, o perdão é um «processo que deve fazer passar da morte à vida, tanto o ofendido como o ofensor, ambos com necessidade de conversão e de salvação. Perdoar torna-se então sinónimo de salvar»<sup>300</sup>. Ao pai não bastaram as palavras, teve a necessidade de exteriorizar a alegria através de uma festa. É obvio que nenhum dos filhos era merecedor da festa, nem o filho mais velho que se declara justo sem nunca transgredir qualquer ordem, nem o mais novo que reconheceu as suas falhas. Ainda assim, embora a festa seja pelo regresso do filho mais novo, o filho mais velho não é dela excluído, simplesmente por orgulho não reconhece que também necessita de ser salvo do seu egoísmo e ressentimento. O

---

<sup>297</sup> A. PAVÍA, *op. cit.*, p. 144.

<sup>298</sup> J. MACARTHUR, *op. cit.*, p. 130.

<sup>299</sup> N. CROSTI, *op. cit.*, p. 107.

<sup>300</sup> *Ibidem*, p. 119.

pai sabe o que vai no seu coração e, por isso, convida-o para a festa, num gesto que simboliza a hospitalidade do pai para com os dois filhos, já que ambos necessitavam de ser reintegrados, porque se tinham “perdido”. Efetivamente, o único desejo do pai «era ver novamente os seus filhos sentados à mesma mesa, partilhando fraternalmente um banquete festivo»<sup>301</sup>. O mais novo reconhece a sua perdição, mas não o mais velho, sentindo-se justo e considerando que o pai estava a ser injusto com ele. Daqui, podemos inferir que há o filho que regressa e o filho que não quer regressar.

A parábola demonstra como o importante é saber que Deus espera que cada um de nós se converta e saiba o quanto Ele espera abraçar-nos e sentir o nosso coração. É surpreendente o final em festa, mas mais surpreendente é o abraço de um Deus que se compadece, porque «o nascimento do homem constitui a alegria de Deus, mas Ele não permanece frio perante as fases difíceis da sua gestação para a Vida. As nossas decrepitudes também O comovem»<sup>302</sup>. O amor não é um sentimento apenas com altos, tem por detrás sofrimento, perdão e compaixão.

No Evangelho de Lucas, verificamos ainda que, se por um lado temos os que acolhem a mensagem de Jesus, por outro há os que O criticam, procurando descredibilizar a Sua mensagem libertadora do Deus da misericórdia que liberta do passado, oferecendo uma nova oportunidade. No entanto, Jesus mostra um Deus que salva, que liberta e resgata do passado pecaminoso para reconstruir uma nova relação pautada pelo amor e fidelidade, um Deus que se alegra. E esta alegria de Deus culmina num grande banquete, de onde ninguém é excluído, pois é exigido que todos participem nele fraternalmente, sem distinções. Por conseguinte, «o paradigma do banquete torna-se [...] um motivo que anuncia os tempos messiânicos. A presença implícita do Messias faz irromper, por entre os naufrágios e dilacerações da história, a plenitude do encontro da salvação de Deus»<sup>303</sup>.

---

<sup>301</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 132.

<sup>302</sup> F. VARILLON, *O sofrimento de Deus*, p. 35.

<sup>303</sup> J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, p. 96.

Em síntese, Deus está sempre conosco; as nossas vitórias e as nossas derrotas são as Suas vitórias e as Suas derrotas. O Deus surpreendente que nos é revelado nesta parábola mostra-nos que só o Seu amor nos salvará. Uma vez herdeiros e convidados a participar na Sua alegria, Deus espera que repousemos n'Ele, pois a nossa alma não terá descanso até que se una a Ele, reconhecendo que Ele é a plenitude da alegria e a vida verdadeira<sup>304</sup>. Ainda que estejamos atormentados pelo pecado e este seja um entrave ao Seu amor, «o pecado é necessário, porém tudo acabará bem, tudo acabará bem, e seja o que for, acabará bem»<sup>305</sup>, porque Deus nunca nos abandona, está sempre conosco não obstante o pecado. Ainda que o pecado pareça ofuscar o Seu amor, todos seremos salvos pela Encarnação e Paixão de Cristo<sup>306</sup>. Portanto, Deus quer-nos felizes e quer que participemos da alegria do Seu misericordioso amor por nós. Esta festa com que termina a parábola do pai misericordioso constitui um convite a nos reconciliarmos com Ele, porque este Pai olha «para as Suas criaturas com amor inconcebível e procura conduzir a história humana para uma festa final onde se celebrasse a vida, o perdão e a libertação definitiva de tudo o que escravizasse e degradasse o ser humano»<sup>307</sup>. Coloca-se a questão: qual imagem melhor que a do banquete para simbolizar a salvação? O banquete coloca todos ao mesmo nível. Deus a todos quer salvar pelo Seu amor. Neste sentido, resta-nos procurar corresponder ao Seu amor até que repousemos n'Ele, participando na Sua alegria, no banquete messiânico.

---

<sup>304</sup> Cf. JULIANA DE NORWICH, *Libro de visiones y revelaciones*, p. 93.

<sup>305</sup> «el pecado es necesario, pero todo acabará bien, todo acabará bien, y sea lo que sea, acabará bien», in JULIANA DE NORWICH, *op. cit.*, p. 94.

<sup>306</sup> Cf. JULIANA DE NORWICH, *op. cit.*, p. 151.

<sup>307</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 132.

## Conclusão

Depois de termos trabalhado Lc 15,11-32, resta-nos mencionar que muito mais haveria a dizer sobre este texto. Com este trabalho, podemos concluir que somos “chamados a ser como o pai”, mas a verdade é que vivemos sempre numa tensão entre o filho mais novo – quando decidimos viver uma vida desregrada, como se Deus não existisse ou em que Deus não tem lugar –, e o filho mais velho – com o coração ressequido.

Aquilo que o surpreendente pai misericordioso da parábola nos mostra é que este Deus, independentemente de Lhe correspondermos ou não, ama-nos e perdoa-nos sempre. Assim, a mensagem central deste texto é o perdão dos pecados e a possibilidade de um novo tipo de relação com Deus. Nunca é o fim. Porque nos ama, Deus perdoa-nos e aceita a nossa fraqueza. Resta-nos apenas confiar na Sua misericórdia e, dentro das nossas limitações, procurar corresponder ao Seu amor. Para tal, a humildade deverá ser o ponto de partida, para que a nossa relação com os outros seja autêntica e verdadeira, como a do pai com os filhos. Efetivamente, se o pai misericordioso não fosse este protótipo da humildade, teria perdido os dois filhos e em nada se identificaria com o Deus que Jesus quer dar-nos a conhecer com a parábola.

Por conseguinte, ainda que os fariseus O criticassem por acolher e comer com os pecadores, Jesus fez o que era preciso fazer: «dosear a vida de todos com a compaixão, uma compaixão que fosse parecida com a de Deus. O que era preciso era olhar com olhos de compaixão os filhos perdidos»<sup>308</sup>. Para o pai da parábola, os defeitos, ainda que abundantes, não têm mais importância do que a beleza do coração humano de cada um dos filhos.

O nosso pecado, face ao perdão do pai, é como se não existisse. No entanto, continuamos a viver como se Deus, para quem regressaremos, nos exigisse explicações e custa-nos a acreditar que o Seu amor não seja incondicional. Todavia, como este pai, Deus não necessita

---

<sup>308</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, p. 144.

que nos justifiquemos, mas que nos abramos à Sua misericórdia, confiando no Seu amor que é mais forte que todo o pecado. No entanto, à semelhança de Deus, também somos chamados a perdoar. A misericórdia surge como um compromisso que pode até parecer humilhante, mas é o único caminho que refaz relações e constrói vidas.

Esta misericórdia traduz-se no “perdão”. Embora no texto trabalhado não encontremos esta palavra, a verdade é que o perdão percorre-o e é a principal característica da sua personagem central. Só assim se entende a sua compaixão por cada um dos filhos. Refira-se ainda que Jesus mostra que o conceito de “próximo” – que se referia apenas concidadãos e estrangeiros que habitavam em Israel – passa a ter maior abrangência e deixa de se referir apenas a esses, passando a ser mais inclusivo.

Amar a Deus e ao próximo funde-se num todo, na medida em que, no mais pequeno e miserável, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, Deus<sup>309</sup>. Assim, «o amor era o segredo esquecido do mundo que os homens sábios procuravam, [...] só através do amor poderíamos aproximar-nos dos corações dos leprosos, ou dos pés de Deus»<sup>310</sup>.

Com este pai, verificamos que, quando pecamos, Deus afasta de nós toda a culpa e olha-nos com piedade e compaixão, pois a Sua misericórdia atua protegendo, sustentando, vivificando e curando, e toda ela procede da ternura do amor. Portanto, Ele nunca nos abandona, nem mesmo quando pecamos. Além disso, «nunca Se cansa de perdoar: jamais! Somos nós que nos cansamos de Lhe pedir perdão»<sup>311</sup>.

Refira-se ainda que, embora a nossa justiça se reja pela retribuição, a de Deus tem a ver com aquilo que Ele é, ou seja, amor e misericórdia. Saliente-se, desde já, que o ser humano, se não tiver um coração doseado de misericórdia como o daquele pai, não consegue perdoar, porque, por instinto, ou foge do inimigo ou vinga-se. A cada “ofensa”, tendemos a vingarmo-nos. Infelizmente, a nossa justiça humana age, por norma, segundo estes critérios. Todavia, a

---

<sup>309</sup> Cf. PP BENTO XVI, *Deus é amor: Carta Encíclica Deus caritas est*, 15.

<sup>310</sup> O. WILDE, *op. cit.*, p. 82.

<sup>311</sup> PP FRANCISCO, *O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Torielli*, p. 11.

misericórdia de Deus é a justiça criadora, estando muito para além da férrea lógica da culpa e do castigo. A justiça de Deus não é condenadora e castigadora, mas justificante. Deste modo, o perdão de Deus não nasce da racionalidade, mas da profundidade do amor que vai muito além do que possamos compreender e imaginar.

Já que somos chamados a ser como este pai, é nosso dever assumir o seu lugar e oferecer aos outros a mesma compaixão que Deus nos oferece, evitando cair no pecado. Somos chamados a amá-Lo, na procura de responder ao Seu amor, dentro das nossas limitações, já que, «quando alguém sente a misericórdia de Deus, tem uma grande vergonha de si próprio, do seu pecado»<sup>312</sup>. Portanto, o que Deus nos diz de modo especial nesta parábola é que «a misericórdia é a arte necessária para salvar a vida, [...] é um caminho que todos precisamos de aprender»<sup>313</sup>. Trata-se de um convite a olhar a realidade de uma forma que ultrapassa a justiça humana; é aceitar e acolher a debilidade do outro na sua condição, que é a nossa própria, mediante a capacidade que temos também de curar as feridas e aquecer o coração, através da proximidade, procurando ser como o bom samaritano<sup>314</sup>, porque a medida que usarmos com os outros será usada conosco (cf. Lc 6,38).

Em síntese, o perdão, que é “dom gratuito”, é a justiça do amor de Deus. No perdão que somos chamados a viver, não há lugar para competições, mas para a conversão diária e constante, seguindo o modelo que Jesus aponta, ainda que isso cause dor, porque vai contra a lógica do mundo e é desinstalador e nada cómodo. No entanto, «não há misericórdia sem lágrimas. Se não forem lágrimas choradas pelos olhos, têm que ser lágrimas derramadas pelo coração»<sup>315</sup>.

A misericórdia é dizer “sim”, mesmo, e sobretudo, quando a única expectativa seria a de ouvir “não”. O pai dá ao filho o “sim”, ainda que aparente ser imerecido. Além disso, só através

---

<sup>312</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>313</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 57.

<sup>314</sup> Cf. PP FRANCISCO, *Temos de ser normais: Em conversa aberta com Antonio Spadaro*, pp. 51-52.

<sup>315</sup> H. NOUWEN, *op. cit.*, p. 166.

do perdão é que chegamos a ser como o Pai, vencendo o mal com o bem (cf. Rm 12,21), ou seja, vencendo o ódio com o amor e partilhando os mesmos sentimentos uns com os outros, pois «não há vida sem misericórdia»<sup>316</sup>. Só o itinerário da misericórdia torna possível o encontro com o outro e com o próprio Deus, já que Deus se encontra no outro. Efetivamente, este amor é também aceitar que o outro possa não corresponder a todas as nossas expectativas, é dar-lhe liberdade, porque não há amor sem liberdade. Trata-se de aceitar os limites do outro, sem impor o que quer que seja e respeitando-o. Só este amor nos torna “*imagem e semelhança*” do Deus amor. Logo, a misericórdia «é o encontro de dois corações: o de Deus, que vem ao encontro, e o do homem»<sup>317</sup>, que O procura ou por Ele se deixa encontrar. Será possível alguém ficar indiferente a este amor?

---

<sup>316</sup> J. T. MENDONÇA, «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in J. AMBROSIO, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, p. 60.

<sup>317</sup> PP FRANCISCO, *Carta apostólica: Misericordia et Misera; Na conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 16.

## Bibliografia

### Fontes:

BALZ, Horst– SCHNEIDER, Gerhard, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento (α – κ)*, Sígueme, col. Biblioteca de Estudios Bíblicos 90, Salamanca, 2005<sup>3</sup>.

BALZ, Horst– SCHNEIDER, Gerhard, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento (λ – ω)*, Sígueme, col. Biblioteca de Estudios Bíblicos 90, Salamanca, 2005<sup>3</sup>.

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Fátima 2008<sup>5</sup>.

NESTLÉ, E.– ALAND, K., *Novum Testamentum Graece*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995.

*Novo Testamento Interlinear, Grego – Português*, Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1998<sup>8</sup>.

### Livros e Revistas:

ACEBO, Isabel. G., *Lucas*, Verbo Divino, Estella, 2008.

ASLAN, Reza, *O Zelota: A vida e o tempo de Jesus de Nazaré*, Quetzal, Lisboa, 2014.

ATTINGER, Daniel, *Evangelho secondo Luca*, Qiqajon, Bose, 2015.

BALTHASAR, Hans U., *Se não vos tornardes como esta criança*, Paulinas, Prior Velho, 2014.

BARTOLOMÉ, Juan J., *El Evangelio y Jesús de Nazaret; Manual para el estudio de la Tradición Evangélica*, Editorial CCS, Madrid, 1995.

- BENEDICTI XVI, PP, *Litterae Encyclicae «Deus Caritas Est»*, in *AAS* 98 (2006) 3. Seguiremos a edição portuguesa BENTO XVI, PP, *Deus é amor: Carta Encíclica Deus caritas est*, A. O., Braga, 2013<sup>2</sup>.
- BOBIN, Christian, *Ressuscitar*, Tenacitas, Coimbra, 2006<sup>2</sup>.
- BOVON, François, *El Evangelio según San Lucas, III. Lc 15,1 – 19,21*, Sígueme, Salamanca, 2004.
- CANTALAMESSA, Raniero, *O rosto da misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2016.
- CHARPENTIER, Etienne– A. PAUL, *Evangelios Sinpticos y Hechos de los Apostoles*, Cristiandad, col. Nuevo Testamento 9, Madrid, 1982.
- CORREIA, José F., *A Fé vive de afeto; variações sobre um tema vital*, Paulinas, Prior Velho, 2013.
- CROSTI, Nicoletta, *À procura das raízes hebraicas de fé cristã*, Paulinas, Prior Velho, 2010.
- DARDER, Francesc R., *Lucas, Evangelista da ternura de Deus*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.
- DÍEZ, Felicísimo M., *Crer em Jesus Cristo / viver como cristão: Cristologia e seguimento*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007.
- DUNN, James D. G., *La llamada de Jesús al seguimiento*, Sal Terrae, Santander, 2001.
- FABRIS, Rinaldo, *Jesús de Nazaret: história e interpretación*, Sígueme, Salamanca, 1985.
- FITZMYER, Joseph A., *El Evangelio segun Lucas; III. Traducción y comentario (capítulos 8, 22 – 18, 14)*, Cristiandad, Madrid, 1987.
- FLORISTAN, Casiano, *Teologia Pratica: teoria y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, col. Lux Mundi 68, Salamanca, 1998<sup>3</sup>.
- FRANCISCO, PP, *Carta apostólica: Misericordia et Misera; Na conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2016.
- FRANCISCO, PP, *O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielli*, Planeta, Lisboa, 2016<sup>2</sup>.

- FRANCISCO, PP, *Temos de ser normais: Em conversa aberta com Antonio Spadaro*, Paulinas, Prior Velho, 2014<sup>2</sup>.
- GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, col. Figuras da Humanidade 5, Lisboa, 1999.
- HALÍK, Tomáš, *A noite do Confessor: A fé cristã numa era de incerteza*, Paulinas, Prior Velho, 2013.
- HALÍK, Tomáš, *Paciência com Deus; oportunidade para um encontro*, Paulinas, Prior Velho, 2014<sup>3</sup>.
- IOANNIS PAULI II, *Litterae Encyclicae «Dives in Misericordia»*, in *AAS*, 72, (1980) 13 seguiremos a edição portuguesa JOÃO PAULO II, *Rico em Misericórdia: Carta Enciclica Dives in Misericordia*, A. O., Braga, 1986<sup>4</sup>, 13.
- JEREMIAS, Joachim, *Jerusalén en tiempos de Jesús: Estudio economico y social del mundo del Nuevo Testamento*, Cristiandad, Madrid, 1977.
- JEREMIAS, Joachim, *Las parábolas de Jesús*, Verbo Divino, Estella, 1974<sup>3</sup>.
- JULIANA DE NORWICH, *Libro de visiones y revelaciones*, in TABUYO, María, Trotta, Madrid, 2002.
- KASPER, Walter, *A Misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2015.
- KNIGHT, Jonathan, *Luke's Gospel*, Routledge, Nova Iorque, 2005.
- LOURENÇO, João D., «Oseias. “Voz e Rosto” da Misericórdia de Deus» in AMBROSIO, Juan, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.
- LOURENÇO, João D., *O mundo judaico em que Jesus viveu: cultura judaica e Novo Testamento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005.
- MACARTHUR, John, *A parábola do filho pródigo: uma análise completa da história mais importante que Jesus contou*, Thomas Nelson, Rio de Janeiro, 2008<sup>2</sup>.
- MARGUERAT, Daniel, *As Parábolas*, Difusora Bíblica, col. Cadernos Bíblicos 61, Lisboa, 1998.

- MARTINI, Carlo M., *Quem é Jesus?*, Paulus, Lisboa, 2013.
- MEIER, John P., *Un judío marginal: Nueva visión del Jesús histórico; Tomo III, Compañeros y competidores*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005.
- MENDONÇA, José T., «A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)» in AMBROSIO, Juan, *A misericórdia de Deus; coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.
- MENDONÇA, José T., *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, Paulinas, Prior Velho, 2015.
- MENDONÇA, José T., *A mística do instante; O tempo e a promessa*, Paulinas, Prior Velho, 2014.
- MENDONÇA, José T., *Nenhum Caminho será Longo: para uma teologia da amizade*, Paulinas, Prior Velho, 2013<sup>6</sup>.
- MENDONÇA, José T., *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Quetzal, Lisboa, 2017.
- MONASTERIO, Rafael A. – CARMONA, Antonio R., *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Verbo Divino, Estella, 1992.
- NEVES, Joaquim C. das, *Evangelhos Sinópticos*, Universidade Católica Editora, col. Estudos Teológicos 16, Lisboa, 2002.
- NOUWEN, Henri, *O regresso do filho pródigo*, A. O., Braga, 2013<sup>7</sup>.
- PAGOLA, José A., *Jesus: uma abordagem histórica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008.
- PAVIA, António, *O filho pródigo; quem procura Deus, encontra-O*, Paulus, Lisboa, 2009.
- PEDROSO, Dário, *Festa do perdão*, A. O., col. Pastoral 12, Braga, 1987.
- PUIG, Armand, *Jesus: uma biografia*, Paulus, Lisboa, 2014<sup>3</sup>.
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005.
- RATZINGER, Joseph, *Jesus de Nazaré*, A esfera dos Livros, Lisboa, 2010<sup>5</sup>.
- RAVASI, Gianfranco, *Quem és tu Senhor?*, Paulinas, Prior Velho, 2013.
- SCHMID, Josef, *El Evangelio según San Lucas*, Herder, Barcelona, 1968.
- SPIDLÍK, Tomás, *La espiritualidad del oriente cristiano*, Monte Carmelo, Burgos, 2004.

- STÖGER, Alois, *El Evangelio según San Lucas*, Herder, Barcelona, 1975<sup>3</sup>.
- THEISSEN, Gerd – MERZ, Annette, *El Jesús histórico*, Sígueme, Salamanca, 1999.
- THEISSEN, Gerd, *Sociología del movimiento de Jesús: El nacimiento del Cristianismo primitivo*, Sal Terrae, Santander, 1979.
- VARILLON, François, *Alegria de crer e de viver: temas fundamentais da Fé Cristã*, A. O., col. Caminhos do Espírito, Braga, 2013<sup>2</sup>.
- VARILLON, François, *O sofrimento de Deus*, A. O., col. Fronteira, Braga, 1996.
- WILDE, Oscar, *De Profundis*, Editorial Estampa, Lisboa, 2010<sup>4</sup>.

# Índice

Resumo .....	4
Abstract.....	4
Abreviaturas.....	5
Introdução.....	6
I. Contexto Sócio Religioso.....	9
1. Religião e sociedade .....	9
2. Grupos religiosos.....	11
3. Família e herança.....	15
II. O texto de Lc 15,11-32 .....	20
1. Texto em grego e tradução .....	20
1.1. Análise textual .....	23
2. Enquadramento literário .....	28
2.1. Estrutura do Evangelho de Lucas .....	29
2.2. O caminho para Jerusalém.....	30
2.3. O Evangelho dos perdidos.....	34
2.4. As parábolas da misericórdia.....	40
3. Estrutura da parábola .....	45
4. A marca lucana na perícope .....	47
III. A teologia de Lc 15,11-32 .....	50
1. O pecado dos filhos .....	51

1.1. O filho mais novo: uma liberdade mal-entendida .....	51
1.2. O filho mais velho: uma fidelidade mal interpretada .....	60
2. O amor do pai... ..	65
2.1. ... no regresso do filho mais novo.....	67
2.2. ... no encontro com o filho mais velho .....	74
3. Da hospitalidade à festa: a salvação no Evangelho de Lucas.....	77
Conclusão .....	84
Bibliografia.....	88